UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

PAOLA SILVA MORAIS

MULATA E DOMÉSTICA COMO ESTEREÓTIPOS DA MULHER NEGRA: PERMANÊNCIAS E AVANÇOS EM “VAI NA FÉ”

Curitiba
2024

PAOLA SILVA MORAIS

MULATA E DOMÉSTICA COMO ESTEREÓTIPOS DA MULHER NEGRA: PERMANÊNCIAS E AVANÇOS EM “VAI NA FÉ”

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo, Setor de Artes, Comunicação e Design da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientação Profa. Dra. Juliana Barbosa

Curitiba
2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
Rua Bom Jesus, 650, - - Bairro Juvevê, Curitiba/PR, CEP 80035-010
Telefone: 3360-5000 - http://www.ufpr.br/

ATA DE REUNIÃO

ATA DA BANCA DE APRESENTAÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE JORNALISMO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

No dia 11/12/2024, às 16:30 horas, os membros da banca de avaliação reuniram-se no Departamento de Comunicação Social da UFPR, com a finalidade de avaliar a aluna **PAOLA SILVA MORAIS** que apresentou o trabalho de conclusão de curso em jornalismo intitulado: ***MULATA E DOMÉSTICA COMO ESTEREÓTIPOS DA MULHER NEGRA: PERMANÊNCIAS E AVANÇOS EM "VAI NA FÉ"***. Após informar as normas do exame de avaliação, a orientadora passou a palavra para que a aluna realizasse a apresentação. Finalizada a exposição, a aluna foi arguida pelos membros da banca que atribuíram as seguintes notas:

Professora	Nota	Assinatura
ANA LUÍSA PEREIRA	10,0	Ana Luísa Pereira
JULIANA DOS SANTOS BARBOSA	10,0	JB
VALQUÍRIA MICHELA JOHN	10,0	Valquíria John

Sendo assim, a média aritmética atribuída à aluna na defesa de seu Trabalho de Conclusão de Curso, foi _____, nota que será lançada no SIGA pela Professora Orientadora somente após realizadas as considerações sugeridas pela banca. A aluna foi considerada aprovada na disciplina e deverá entregar o trabalho com alterações sugeridas pela banca em até 10 dias.

COORDENAÇÃO DO CURSO DE JORNALISMO UFPR

JULIANA DOS SANTOS BARBOSA
Professora Orientadora

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por sempre atender às minhas orações e pedidos durante a graduação, e também aos meus santos de devoção, em especial Nossa Senhora Aparecida e São José, que intercederam por mim.

À minha mãe, Roseli, que é minha maior inspiração e sempre me ensinou que o conhecimento é essencial para nossas vidas. Obrigada por tudo, mãe. Te amo!

À minha avó, Dona Jô, que cuidou de mim com tanto carinho na infância e é a responsável pelo meu gosto por novelas. Te amo, vó!

Ao meu tio Romário, que sempre acreditou em mim e tinha certeza de que eu estudaria na UFPR, tanto que me fez tirar uma foto em frente ao prédio histórico antes do vestibular. Obrigada por tornar o início da faculdade mais leve, tio, sendo o melhor vizinho, guia, encanador e eletricista que eu poderia ter!

Às minhas companheiras de apartamento, Tays e Fadinny, que, obviamente, são muito mais do que parceiras de casa: são parceiras de vida! Obrigada pelo apoio e compreensão durante toda a graduação, especialmente neste último ano, que não foi fácil. Nós somos uma família!

Às minhas amizades da faculdade, que tornaram a graduação mais divertida, especialmente à Lou Lou, minha parceira de tantos trabalhos, desabafos e reclamações. Que a gente ainda tome muitos cafés juntas!

À minha amiga Tamiris, que, mesmo de longe, esteve sempre presente, seja com memes ou desabafos. Sempre estivemos unidas, apoiando uma à outra.

Ao Gustavo, que esteve comigo nesta reta final, me tranquilizando, sendo meu "coach" particular (risos), oferecendo abraços e fazendo companhia enquanto eu escrevia. Obrigada por acreditar em mim!

À minha orientadora, carinhosamente chamada de Prof. Ju, a única pessoa autorizada a me chamar de Paloma! Obrigada por me guiar neste processo de forma tão empática e alegre. Te admiro imensamente, professora!

RESUMO

Este trabalho analisa as personagens Sol, Jenifer, Bruna e Kate, da telenovela “Vai na Fé", para verificar se elas se encaixam nos estereótipos da mulata e da doméstica ou se refletem uma mudança na representação da mulher negra nas telenovelas brasileiras. Para isso, foi realizada uma análise fílmica com base na abordagem de Imagem e Som proposta por Penafria (2009), complementada pelos estudos de Lélia Gonzalez (2020) sobre estereótipos, além de um panorama histórico da representatividade negra nas telenovelas da Rede Globo. A pesquisa concluiu que, embora as personagens apresentem momentos em que se alinham aos estereótipos, elas também protagonizam cenas que abordam temas como afeto, inteligência emocional, realização de sonhos e autoconfiança, elementos que contribuem para a evolução da representatividade da mulher negra. Dessa forma, a telenovela sugere, ainda que de maneira gradual, a possibilidade de construir novas representações de personagens negras, capazes de gerar identificação positiva nos telespectadores.

Palavras-chaves: representação; estereótipos; mulher negra; telenovela; Vai na Fé.

ABSTRACT

The objective of this work was to analyze the characters Sol, Jenifer, Bruna, and Kate from the soap opera "Vai na Fé," in order to determine whether they fit the stereotypes of the mulatta and the domestic worker, or if they reflect a change in the representation of Black women in Brazilian soap operas. For this purpose, a film analysis was conducted based on the Image and Sound approach proposed by Penafria (2009), complemented by the studies of Lélia Gonzalez (2020) on stereotypes, as well as a historical overview of Black representation in Rede Globo soap operas. The research concluded that, although the characters have moments where they align with stereotypes, they also play scenes that address themes such as affection, emotional intelligence, achieving dreams, and self-confidence, elements that contribute to the evolution of representation of black women. In this way, the soap opera suggests, albeit gradually, the possibility of creating new representations of black characters that can generate positive identification in viewers.

Key-words: representation; stereotypes; black woman; soap opera; Vai na Fé.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Colagem com as personagens Deusa e Dalva “O Clone” (2001), Preta “Da cor do Pecado” (2004), Helena “Viver a Vida” (2009), Bebel “Paraíso Tropical” (2007) e Rose “Cama de Gato” (2009).....31

FIGURA 2 - Colagem com personagens de Vai na Fé: Bruna (Carla Cristina Cardoso), Kate (Clara Moneke), Sol (Sheron Menezzes), Jenifer (Bella Campos), Lumiar (Carolina Dieckmann), Théo (Emílio Dantas), Carlão (Che Moais) e Benjamin (Samuel de Assis).....40

FIGURA 3 - Sol sofre assédio enquanto trabalha, em “Vai na fé”, capítulo 1 (5'54").....43

FIGURA 4 - Sol sofre assédio no camarim de Lui Lorenzo, em “Vai na fé”, capítulo 1 (20'21").....44

FIGURA 5 - O retorno de Sol aos palcos, como dançarina de Lui, em “Vai na fé”, capítulo 2 (20'55").....45

FIGURA 6 - Sol é pega saindo escondido de casa para ir ao baile funk, em “Vai na fé”, capítulo 2 (20'23").....46

FIGURA 7 - Théo comentando com os amigos como deve estar a Sol, em “Vai na fé”, capítulo 1 (14'46").....47

FIGURA 8 - Kate e Jennifer são abordadas por Hugo, em “Vai na fé”, capítulo 1 (10'13")...49

FIGURA 9 - Kate no ponto de ônibus, em “Vai na fé”, capítulo 3 (23'17").....50

FIGURA 10 - Kate ligando para Rafa pois sentiu falta dele no ICAES, em “Vai na fé”, capítulo 89 (20'57").....52

FIGURA 11 - Kate conhece Clara, mãe de Rafael, em “Vai na fé”, capítulo 87 (00'14").....53

FIGURA 12 - Sol e Bruna escondidas dos fiscais, em “Vai na fé”, capítulo 1 (07'54").....55

FIGURA 13 - Sol e Bruna discutindo o que vão fazer com as marmitas, em “Vai na fé”, capítulo 1 (32'39").....57

FIGURA 14 -Bruna chegando com as compras na casa de Sol, em “Vai na fé”, capítulo 2 (24'24").....58

FIGURA 15 - Sol conversando sobre seu novo emprego com dona Marlene, em “Vai na fé”, capítulo 4 (18'41").....59

FIGURA 16 - Bruna avisando a Benjamin que já consertou o banheiro, em “Vai na fé”, capítulo 175 (35'59").....60

FIGURA 17 - Sol chorando com sua mãe depois de ter visto seu clipe, em “Vai na fé”, capítulo 176 (37'17")..... 62

FIGURA 18 - Sol desabafando com Lui sobre quem ela é de verdade, em “Vai na fé”, capítulo 177 (01'10")..... 63

FIGURA 19 -Sol conversando com Jenifer, em “Vai na fé”, capítulo 1 (17'01")..... 65

FIGURA 20 - Jennifer chegando na faculdade no seu primeiro dia de aula, em “Vai na fé”, capítulo 1 (24'45")..... 67

FIGURA 21 - Jenifer e Yuri discutindo com a professora Lumiar, em “Vai na fé”, capítulo 177 (01'10")..... 68

FIGURA 22 - Jenifer defendendo a necessidade de cotas nas instituições públicas de ensino, em “Vai na fé”, capítulo 87 (17'45")..... 70

FIGURA 23 - Jenifer e Hugo conversando sobre o hábito de ler, em “Vai na fé”, capítulo 175 (00'30")..... 71

FIGURA 24 - Jenifer conversando sobre seus sentimentos com Kate, em “Vai na fé”, capítulo 176 (08'08")..... 72

FIGURA 25 - Jenifer no escritório do seu pai Benjamin, em “Vai na fé”, capítulo 177 (22'26")..... 73

FIGURA 26 - Jenifer conversando com seu pai Benjamin, em “Vai na fé”, capítulo 179 (22'30")..... 75

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....8
2 TELENOVELA BRASILEIRA.....12
2.1 A IMPORTÂNCIA DO PERSONAGEM..... 15
2.2 A REPRESENTATIVIDADE NEGRA NAS TELENOVELAS ATÉ OS ANOS 90.....19
2.3 MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS NA REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NOS ANOS 2000.....25
3 VAI NA FÉ: A TRAMA.....38
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS ESTEREÓTIPOS DE VAI NA FÉ.....41
4.1 METODOLOGIA..... 41
4.2 ANÁLISE.....42
4.2.1 “DA COR DO PECADO”: A MULATICIDADE EM “VAI NA FÉ”.....42
4.2.2 “EMPREGUETES”: O ESTEREÓTIPO DE DOMÉSTICA EM “VAI NA FÉ”.....54
4.2.3 “VAI NA FÉ”: NOVAS POSSIBILIDADES PARA A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA..... 65
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 77
REFERÊNCIAS..... 79

INTRODUÇÃO

Em 2023, pela primeira vez, a Rede Globo contou com protagonistas negros em suas telenovelas inéditas nas três faixas de horário – 18h, 19h e 21h. Após 73 anos de história, a teledramaturgia da emissora passou a refletir melhor a composição da população brasileira, que é 55,5% negra, segundo o IBGE (2022). A mudança começou com a estreia de "Vai na Fé", no horário das 19h, substituindo "Cara e Coragem" (Globo, 2023).

O primeiro capítulo foi exibido no dia 16 de janeiro de 2023, com Sheron Menezzes, interpretando a sua primeira protagonista da carreira, a Solange (Sol). De acordo com matéria publicada pelo portal de notícias, Veja, a obra de Rosane Svartman, foi a novela com mais atores negros na história da Globo, com quase 70%[1] do elenco composto por atores pretos, em uma novela cujo o tema não era escravidão.

Após dois meses da estreia de "Vai na Fé, o ator Elzio Vieira deu vida ao médico Orlando, personagem central de "Amor Perfeito", novela das 18h. Em maio, no horário nobre, foi a vez de "Terra e Paixão" com Bárbara Reis interpretando a personagem principal Aline, acompanhada, na obra de Walcyr Carrasco, pelo ator Paulo Tessa vivendo um dos seus pares românticos.

A trama pioneira dessa grade, "Vai na Fé", rapidamente caiu no gosto da população brasileira. Segundo dados do Kantar Ibope Media[2], a média geral de audiência da trama foi de 23,3 pontos, superando a antecessora (Cara e Coragem). Além disso, a novela é responsável por bater recorde comercial. De acordo com a reportagem publicada pelo Jornal Folha de São Paulo, "Vai na Fé" teve inserção comercial[3] de 15 diferentes marcas, que totalizaram mais de 60 ações de *merchandising* ou de *product placement* foi o maior faturamento comercial que a emissora conseguiu com uma novela desta faixa.

A novela em questão foi um sucesso em termos econômicos, afinal a telenovela é um produto de alto consumo nas casas brasileiras. Segundo dados da Parrot Analytics[4], empresa

---

1 https://www.uol.com.br/splash/noticias/2023/01/18/samuel-de-assis-comemora-representatividade-em-vai-na-fe-globo.htm

2 https://kantaribopemedia.com/conteudo/dados-rankings/dados-de-audiencia-pnt-top-10-com-base-no-ranking-consolidado-31-07-a-06-08-2023/

3 https://f5.folha.uol.com.br/televisao/2023/08/vai-na-fe-supera-recorde-de-cheias-de-charme-e-se-torna-o-maior-faturamento-da-globo-as-19h.shtm

4 https://www.parrotanalytics.com/insights/na-economia-de-atencao-as-novelas-ainda-sao-relevantes/

de inteligência de mercado aplicada à indústria do entretenimento, a demanda[5] por novelas no Brasil cresceu 26% entre o primeiro trimestre de 2020 e o mesmo período de 2023.

De acordo com a pesquisa da empresa, "Vai na Fé" registrou a maior demanda no Brasil no primeiro trimestre de 2023, com 16 vezes a demanda média neste mercado. Atualmente, é possível relacionar o fenômeno da telenovela como algo tradicional que está no cerne da cultura brasileira, entretanto essa sensação de tradição é resultado de uma construção e constante aperfeiçoamento das emissoras, principalmente a Rede Globo, que é fundamental no processo de moldar a telenovela brasileira.

De acordo com Santos (2021), no início da década de 1970, houve a criação de um padrão estético. Em decorrência desse padrão as telenovelas produzidas no Brasil começaram a tematizar as dinâmicas sociais próprias do país. "São recorrentes nas novelas a identificação entre personagens da ficção e figuras públicas reais. Entre as tramas, os problemas reais e a tendência para maior verossimilhança nas histórias contadas, esta, aliás, uma demanda forte do próprio público". (Lopes, 2003, p. 26)

Uma parcela do sucesso da trama se deve à identificação com as histórias dos personagens. Segundo matéria publicada pelo portal de notícias, Veja, a autora Rosane Svartman analisou um dado quando a emissora fazia pesquisa de audiência da novela "Bom Sucesso" (2019), a cada grupo de dez espectadores praticamente a metade deles se definia como evangélicos. Então surge "Vai na Fé" com a personagem Sol, uma mãe de família batalhadora, vendedora de marmitas e frequentadora de uma igreja neopentecostal. A novela mostra uma mocinha que se divide entre a fé e o emprego como dançarina de Lui Lorenzo (José Loreto).

A trama quebrou recordes na sua categoria, "Vai na Fé" entrou na casa dos brasileiros por gerar o sentimento de identificação no público. Ter um elenco majoritariamente preto e trazer a "luz" ao segundo maior grupo religioso do país pode ter influenciado no resultado. Em quesito faturamento, a última novela a lucrar tanto foi "Cheias de Charme", exibida em 2012 (Folha de São Paulo, 2023).

No sucesso de 11 anos atrás, dentre as protagonistas, Taís Araújo interpretava uma das "empreguetes", a Penha. A atriz por muito tempo foi uma das poucas atrizes negras

[5] Demanda é uma forma de medir a popularidade de programas de TV, filmes e talentos. Desenvolvida pela Parrot Analytics, a demanda utiliza uma robusta base de dados que engloba o consumo de open-streaming, buscas online, redes sociais e sites de vídeo. Através dessa metodologia, se consegue mapear toda a jornada de descoberta de um conteúdo, identificando tendências globais e locais (Parrot Analytics, 2023).

ocupando espaços nas telenovelas globais, ainda que suas personagens tenham algumas ressalvas.

Ao longo da trajetória da teledramaturgia da Rede Globo, personagens negros apareceram nas tramas, mas de que forma? Na análise de Grijó (2012) às telenovelas globais produzidas na década de 2000, as pessoas negras continuavam estagnadas em papéis de pequeno destaque nas histórias, sendo escassa a presença de representatividade, e por muitas vezes aparentando um sistema de cotas de participação. Para Souza (2023), grande parcela das participações de pessoas negras em telenovelas são marcadas por características que reforçam estereótipos existentes:

> Diversos arquétipos são criados sobre homens e mulheres negras nas telenovelas brasileiras, os homens frequentemente são retratados como malandros, traiçoeiros, enganadores, sempre buscando se aproveitar das situações e as mulheres são frequentemente apresentadas a partir de uma ótica de hiperssexualização, quando são mulheres mais novas ou no papel de cuidadora e serventes se tratando de mulheres mais velhas. Esses estereótipos são expressões das reais intenções de uma sociedade que, mesmo de forma velada, busca diminuir a cultura e autoestima do povo preto (SOUZA, 2023, p.35).

Os dois modelos de representação da mulher negra que Souza descreve são uma explicação dos estereótipos catalogados pela intelectual Lélia Gonzalez, que foram utilizados como referência para a análise. A intelectual brasileira aponta que o estereótipo de "doméstica" recai sobre a mulher negra quando são idealizadas em posição subalterna aos brancos, e somente cabe a ela servir através de serviços domésticos ou operacionais. Enquanto o estereótipo de "mulata", aparece quando a mulher negra tem seu corpo objetificado e hipersexualizado (Gonzalez, 2020). Os estereótipos mulata e doméstica conseguem evidenciar se há permanências ou mudanças na representação da mulher negra nas telenovelas.

Portanto, o presente estudo buscou investigar se estereótipos "mulata" e "doméstica" estavam presentes nas personagens negras da novela "Vai na Fé", visto que a trama foi um marco histórico em pretagonismo[6]. Este trabalho teve como objetivo geral analisar quatro personagens femininas: Solange (Sheron Menezzes), Jenifer (Bella Campos), Kate (Clara Moneke) e Bruna (Carla Cristina Cardoso), levando em conta esses estereótipos historicamente atribuídos às mulheres negras em telenovelas. Para isso, buscou-se identificar as características físicas e emocionais que compõem essas personagens, explorar os estereótipos associados às mulheres negras nesse gênero televisivo e investigar se essas figuras conseguiram ultrapassar tais limitações, contribuindo para uma evolução na

[6] O termo citado por De Oliveira (2021) significa protagonismo negro, é destacar a presença de atores e atrizes negras nos papéis de personagens principais que rompem com os padrões hegemônicos de representação racial.

representação da mulher negra na mídia. A metodologia adotada foi a de análise fílmica "Imagem e Som" de Penafria (2009). Por meio de fotogramas, foi possível deixar as cenas, que são em movimento, estáticas, para realizar a análise e assim verificar se as quatro personagens negras performaram dentro dos estereótipos.

A organização do trabalho está estruturada em quatro partes: "Telenovela Brasileira", "Vai na Fé: A trama", "Análise e Discussões" e "Considerações Finais". A primeira seção apresenta o aporte teórico, abordando desde o início das telenovelas brasileiras até um breve histórico das representações negras nas telenovelas, abrangendo o período de 1965 a 2023. Em seguida, é feita a introdução da telenovela "Vai na Fé", com a análise e as considerações finais apresentadas posteriormente.

2 TELENOVELA BRASILEIRA

A televisão chega ao Brasil em 1950, através do empresário Francisco de Assis Chateaubriand, porém somente na década seguinte que o aparelho se estabelece como um meio de comunicação de massa de alcance nacional (Souza, 2013). De acordo com Lopes (2009) a televisão e a telenovela são símbolos da criação de um novo espaço público, onde o controle da formação de repertórios mudou de mãos, deixando de ser exclusivo dos intelectuais, ou melhor, dos titulares de postos do comando da sociedade.

É a novidade nas casas dos brasileiros, um eletrodoméstico que oferece diversão e informação de forma gratuita (Kegler, 2008, p. 5). A tevê é "uma autêntica construtora de imagem mental" (Xavier, 2009, p. 8), por meio de sua programação, passou a ajudar os telespectadores a entender o mundo e sua realidade, é a intermediária entre os acontecimentos e o telespectador (Marques, 2012).

O início de um novo espaço público parte do setor privado do país, e o que provoca esse espaço público se tornou o produto de maior popularidade e lucratividade da televisão brasileira (Lopes, 2009). Dentro das novas possibilidades que as emissoras testavam nesse inédito veículo da comunicação, a telenovela emergia com imigrantes de outras artes. Os atores das radionovelas, diretores e roteiristas vinham do cinema ou teatro. Era uma nova forma de contar histórias sendo moldada para um novo público.

"A primeira novela brasileira a ser transmitida pela extinta TV Tupi foi "Sua vida me pertence", em 1951, com capítulos semanais de duração média de 20 min" (Marques, 2012, p. 75). Entretanto, a telenovela que teve maior repercussão foi "O direito de nascer", também exibida pela TV Tupi, em 1964. "Originalmente, uma novela de rádio, O direito de nascer teve seu texto adaptado para o vídeo, e obteve alto índice de audiência. Foi a partir desse grande sucesso que a telenovela virou mania nacional" (Kegler, 2008, p. 5).

Ao tratar de telenovela é necessário reconhecer o papel da Rede Globo no desenvolvimento do padrão das tramas brasileiras. No ano seguinte à aclamação do gênero (1965), a emissora entrou no mercado das telecomunicações. É válido ressaltar que a década em que a televisão se consagra é a mesma em que o país passa por regime militar, no qual o Estado começa a enxergar os meios de comunicação como um elemento estratégico na política de desenvolvimento, integração e de segurança nacional do regime (Lopes, 2003). "A Rede Globo acaba por se beneficiar dessa preocupação dos militares, tornando-se a rede de televisão que mais se desenvolveu no período" (Souza, 2013, p. 19).

A parceria acabava gerando benefícios para ambas partes, “visto que a TV Globo precisava de algumas facilidades políticas e administrativas para estrear sua programação e o governo militar vislumbrava a utilização de um veículo de informação de massa para difundir o seu ideal de sociedade moderna” (Souza, 2013, p. 19). Com as facilidades proporcionadas pelo contexto político, a Rede Globo foi a responsável por exibir a primeira telenovela com cores. Em 1973, estreava “Bem Amado”, que foi a pioneira no ramo de exportações para outros países (Marques, 2012).

Em constante desenvolvimento, a telenovela brasileira, foi adquirindo características que a difere das novelas estrangeiras, tanto na construção das histórias como também na maneira de contá-las ao público. É notável a diferença, ao assistir uma novela mexicana, por exemplo, que continuou com o tom mais melodramático, enquanto as produções brasileiras foram se distanciando desse modelo até construir a sua própria fórmula. Ainda nos anos 70, as tramas nacionais ultrapassaram os limites do “melodrama clássico, que foi sendo constantemente reformulado pelo fazer televisual brasileiro” (Marques, 2012, p. 79). A principal mudança no eixo temático das telenovelas, pôde ser notada nos enredos que começaram a difundir a imagem da realidade brasileira (Borelli, 2001). “Esse critério, levado às últimas consequências, dota-a de um caráter realista criador de uma impressão de realidade forte a ponto de, em alguns casos, quase fundir acontecimentos dos planos da ficção e da realidade" (Motter, 2001, p. 76).

Borelli descreve o que passa a ser as “novelas verdade”:

> É incorporado à trama um tom de debate crítico sobre as condições históricas e sociais vividas pelos personagens; articulam-se, no contexto narrativo, os tradicionais dramas familiares e universais da condição humana, os fatos políticos, culturais e sociais, significativos da conjuntura no período; esta nova forma inscreve-se na história das telenovelas como uma característica particular da produção brasileira; e estas narrativas passam a ser denominadas “novelas verdade”, que veiculam um cotidiano que se propõe crítico, por estar mais próximo da vida “real” e por pretender desvendar o que estaria ideologicamente camuflado na percepção dos receptores (Borelli, 2001, p. 33).

De acordo com Borelli (2001), alguns exemplos dessas “novelas verdade”, produzidas nos anos 70, são: “Bandeira 2” e “Saramandaia” (Dias Gomes, 1971-72; 1976), “Irmãos coragem” (Janete Clair, 1970-71), “Os deuses estão mortos”, “Escalada” e “Casarão” (Lauro César Muniz, 1971; 1975;1976) e “Gabriela” (Walter George Durst, adaptação de Jorge Amado, 1975). Na mesma década, houve um aumento significativo de produção de telenovelas, então se fez necessário uma grade de horário fixa (Marques, 2012). “O horário da

novela foi uma criação da TV Globo nos anos 1970 quando passa a produzir três novelas diárias" (Lopes, 2009, p. 24).

Lopes (2009) descreve a grade de horário criada pela emissora:

> A Globo sincroniza o horário de cada novela e acaba por determinar hábitos de assistência específicos. A novela das seis, de temática geralmente histórica ou romântica; a novela das sete, de tema atual, em chave jovem e de comédia, e a novela das oito (atualmente, das nove), do horário nobre, de tema social e adulto. Entre a novela das 6 e das 7 vai ao ar um telejornal regional de 20 minutos e, entre a novela das 7 e a principal, é veiculado o telejornal de maior audiência do país com 40 minutos de duração (Lopes, 2009, p. 24).

A emissora fez algumas adaptações com o tempo, porém até os dias de hoje essa é a grade que norteia quais tramas o telespectador brasileiro irá assistir. É perceptível o sucesso da telenovela no país, "é um instrumento que se tornou um dos principais produtos de cultura popular brasileira" (Kegler, 2008, p. 6). Contudo, quais seriam as razões do sucesso do gênero nacional?

De acordo com Kegler (2008) a telenovela mostra histórias de vida, e por meio de personagens, tenta reproduzir o mundo real, a fim de que as pessoas se identifiquem e acompanhem o desencadear dessas histórias. "Através de uma estratégia, que se pode chamar de justaposição ou de embaralhamento, a telenovela insere ficcionalidade e realidade em seus mais variados produtos/séries. Trata-se de uma forma de comunicar, que persuade, identifica e, ao mesmo tempo, se auto referencia" (Marques, 2012, p. 80). Por essa razão é comum "reconhecer" personagens da ficção em figuras públicas, é uma linha tênue da telenovela, as tramas e os problemas reais com grande atração para a verossimilhança entre as histórias contadas e vividas, que inclusive é demandada pelos telespectadores (Lopes, 2009).

Para Lopes (2003) a novela é tão vista quanto falada e seus significados são o produto tanto da narrativa audiovisual, produzida pela televisão, quanto da interminável narrativa oral produzida pelas pessoas. Portanto, o paradoxo de "se ver" na obra, foi a premissa deste estudo e é sobre esse ponto que se pretende partir para fazer as análises.

Uma das peças-chave para alcançar o fenômeno do público "se ver" na obra é o personagem. De acordo com Cândido (1976), existem três elementos centrais para o desenvolvimento novelístico: enredo e personagem (representam a matéria); ideias (representam o significado) e a técnica, esta presente em toda a elaboração do conjunto. Somente em boas tramas que esses elementos aparecem atrelados e inseparáveis. Dentre eles, é a personagem que simboliza a possibilidade de adesão afetiva e intelectual do leitor, através de identificações, projeção, transferência etc. "A personagem vive o enredo e as ideias, e os

torna vivos" (Cândido, 1976, p. 51). Ao elemento personagem é dada a responsabilidade de transmitir ideias e de gerar identificações, logo cabe a ele a função de representar. O próximo tópico aborda a relevância do personagem para as narrativas, visto que, através dele que as tramas se desenrolam e é uma das peças principais para evocar o sentimento de identificação no público.

2.1 A IMPORTÂNCIA DO PERSONAGEM

Na criação de um romance o autor precisa desenvolver diversos aspectos para sustentar sua história, porém, mais importante que isso, é fundamental inventar quem irá viver o drama. "A personagem ou o personagem é um ser fictício que é responsável pelo desempenho do enredo; em outras palavras, é quem faz a ação" (Gancho, 2004, p. 10).

O personagem é propriedade da trama, logo somente existe se participa da história. Quando um ser é somente mencionado pelos outros personagens mas não desenvolve nenhuma ação direta ou indireta, e não influencia no enredo, é possível não ser personagem (Gancho, 2004). Em alguns casos, os autores primeiro idealizam o personagem e depois desenvolvem as histórias. É partindo dos aspectos e particularidades que formam seus personagens que começam a criar o enredo.

O processo de construção da personagem é uma etapa em que o autor é livre para fazer sua mesclagem entre sua visão de mundo, realidade, sentimentos, anseios e tudo aquilo que o cerca ou afeta. De acordo com Brait (1985) pode-se descrever a construção de um personagem assim:

> Como um bruxo que vai dosando poções que se misturam num mágico caldeirão, o escritor recorre aos artifícios oferecidos por um código a fim de engendrar suas criaturas. Quer elas sejam tiradas de sua vivência real ou imaginária, dos sonhos, dos pesadelos ou das mesquinharias do cotidiano, a materialidade desses seres só pode ser atingida através de um jogo de linguagem que torne tangível a sua presença e sensíveis os seus movimentos (Brait, 1985, p. 52).

Através desse conjunto de referências surgem as criações dos autores que somente são desvendadas, pelos leitores, por meio da caracterização fornecida pelo escritor. "Os personagens estabelecem, em nível de recepção, a complexidade e a força capazes de construir o mundo ficcional" (Vargas, 2012, p. 52). Segundo Brait (1985) a construção de personagens segue regras, cujo os indícios somente o texto pode revelar, ou seja, é no decorrer da trama que o ser fictício é apresentado e pode ser analisado.

No enredo, os personagens são apresentados de diferentes formas, varia de acordo com estilo do autor, entretanto é tarefa indispensável do escritor, elucidar a personagem e sua função na história, pelos menos a primeiro momento pois é sabido que ao longo de um romance – gênero que busca verossimilhança – os seres fictícios são mutáveis a depender do desenvolvimento da história. De acordo com Gancho (2004) as características das personagens podem ser detectadas em momentos descritivos ou dispersos no enredo. A caracterização do personagem é essencial para a compreensão do papel que aquele indivíduo vai cumprir na história. Por meio desse processo a história adquire forma.

Em seus estudos Candido (1976) exprime a importância caracterização:

> Graças aos recursos de caracterização (isto é, os elementos que o romancista utiliza para descrever e definir a personagem, de maneira a que ela possa dar a impressão de vida, configurando-se ante o leitor), graças a tais recursos, o romancista é capaz de dar a impressão de um ser ilimitado, contraditório, infinito na sua riqueza; mas nós apreendemos, sobrevoamos essa riqueza, temos a personagem como um todo coeso ante a nossa imaginação. Portanto, a compreensão que nos vem do romance, sendo estabelecida de uma vez por todas, é muito mais precisa do que a que nos vem da existência. Daí podermos dizer que a personagem é mais lógica, embora não mais simples, do que o ser vivo (Candido, 1976, p. 8).

Diante da caracterização passa a ser identificável tipos de personagens. Após tantas histórias contadas, escritas ou representadas, é possível notar uma certa padronização. Em seu estudo, Gancho (2004) mostra os personagens em duas categorias de caracterização: os planos e os redondos. Os personagens planos seriam os que possuem poucas informações, não possuem muitos aspectos, "estão imunes à evolução no transcorrer da narrativa, de forma que as suas ações apenas confirmam a impressão de personagens estáticas, não reservando qualquer surpresa ao leitor" (Brait, 1985, p. 52). Ainda dentro dessa categoria existem subdivisões: tipo e caricatura. O personagem tipo possui características típicas inalteráveis: é o médico, a professora, o sertanejo, a encalhada etc. Enquanto a caricatura é um personagem que tem suas características fixas levadas ao extremo, geralmente são indivíduos pertencentes ao arco cômico (Gancho, 2004, p. 12).

A outra categoria são as personagens redondas, "suas características se reduzem essencialmente ao fato de terem três, e não duas dimensões; de serem, portanto, organizadas com maior complexidade e, em consequência, capazes de nos surpreender" (Candido, 1976, p. 11). De acordo com Brait (1985) essas personagens são mais complexas, mostram mais atributos ou inclinações, são dinâmicas e multifacetadas, concebem imagens gerais e, simultaneamente, muito íntimas do ser humano. Diferente da outra subdivisão, essa possui características mais semelhantes ao indivíduo da realidade, as personagens redondas

apresentam: aspectos físicos, psicológicos, sociais, ideológicos e morais (Gancho, 2004, p. 13).

Nas tramas o público consegue ainda identificar outra classificação dos personagens. O papel que cada ser fictício vai desempenhar no enredo. Toda história tem protagonista – personagem principal – que costuma ter a postura de herói (seus atributos são superiores aos demais) ou anti-herói (é semelhante aos outros ou pior que eles mas por algum motivo específico está na posição de herói). Outra peça importante é o antagonista, personagem que confronta o protagonista, conhecido popularmente como vilão. Por fim, na trama precisa ter os personagens secundários que dão suporte aos protagonistas e antagonistas (Gancho, 2004).

Por muito tempo, a construção de personagem envolveu essas especificidades pois seguindo as classificações o autor conseguiu delimitar de forma clara o desenvolvimento do personagem. Entretanto, no segmento novelístico nacional, houve tentativas de junção de funções, ambiguidades, mudanças na personalidade, etc. "A telenovela tem produzido algumas das melhores criações de personagens já encontradas na ficção brasileira veiculada por qualquer dos meios de comunicação" (Pallottini, 2000, p. 1). Todos os aspectos abordados até o momento ainda estão presentes nos personagens das dramaturgias nacionais, porém, ao tratar de produções audiovisuais outras características se somam ao processo de criar personagens.

Além da maior quantidade de personagens redondos. "Em média, o número de personagens de uma novela gira em torno de trinta a quarenta" (Vargas, 2012, p. 51). Alguns elementos particulares das produções nacionais, acabam por resultar em personagens completos. "A definição das características que formam essas personagens, sobretudo aquelas que protagonizam as tramas, é feita de acordo com uma mescla que envolve a trajetória artística e inclusive pessoal de cada autor (a), atrizes e atores" (Tavares, 2020, p. 116). O modo de falar, o figurino, a sonorização personalizada a cada aparição, e o compromisso – especialmente as telenovelas brasileiras – com a verossimilhança, culminam em personagens emblemáticos.

As novelas brasileiras tendem a absorver muitos aspectos do mundo real para o ficcional, é notório que " os acontecimentos da vida real influenciam e modificam o mundo diegético, algo como se, mudando a nomenclatura e o apoio teórico, pudéssemos dizer que o macrocosmo passasse a determinar o microcosmo cênico" (Pallottini, 2000, p. 8). Os seres fictícios são os maiores exemplos dessa combinação entre a realidade e a ficção. "Os personagens estabelecem, em nível de recepção, a complexidade e a força capazes de

construir o mundo ficcional; representam, então, uma realidade exterior ao texto, através de modalidades próprias de ficção" (Vargas, 2012, p. 52).

Ademais, as “mocinhas” ou “vilões” transpassam as telas, chegam à audiência e passam a influenciar no mundo real, claro não é a influência de cometer um crime, largar tudo por uma paixão ou coisa do tipo, talvez possa ocorrer, mas em geral, é notável as influências sutis como roupas, acessórios e até bordões dos personagens. “Sua influência também se estende para além da tela, isso faz com que seja comum que as falas e os elementos de caracterização desses seres ficcionais extrapolem o vídeo e sejam reproduzidos nas ruas” (Tavares,2020, p. 116).

Essa relação entre personagem e público provoca debates, e os autores compreendem o poder que possuem de despertar o mínimo interesse em qualquer pauta social que levantam na trama. De acordo com Kegler (2008) é evidente que as telenovelas têm poder de influência, pois têm capacidade de mudar atitudes, gostos e opiniões sobre alguns assuntos. “ Trata-se de uma forma de comunicar, que persuade, identifica e, ao mesmo tempo, se auto referencia” (Marques, 2012 p. 80). O enredo, e principalmente o personagem gera o sentimento de identificação, “ as narrativas das telenovelas ajudam a construir identidades, quer sejam raciais, de gênero etc…, as quais podem ser apropriadas (ou não) pelo público” (Grijó, 2012 p. 186).

Ao perceber esse poder do personagem é necessário atenção sobre como foram transmitidas pautas sociais no decorrer das novelas e para além disso como foi representado através dos personagens. Nos estudos de Hall (2016), o autor explica que o poder vai além da exploração econômica e coerção física, no caso da representação, existe o poder em questões simbólicas ou culturais, ter a autonomia de representar algo ou alguém de certo modo dentro de um determinado “regime de representação”.

A sociedade a passos lentos vai evoluindo seu entendimento e comportamento perante a diversos assuntos, entretanto essa mesma sociedade já foi mais inflexível. “No início das produções da telenovela, a preocupação maior estava em construir narrativas acessíveis ao entendimento dos telespectadores com o que se estava transmitindo” (Cassol, 2016, p. 20). Os autores escreviam tramas de acordo com os ideais do momento, pois o compromisso com a verossimilhança está no âmago da telenovela brasileira. Os escritores seguindo as classificações já mencionadas e somada à mentalidade da época representavam as minorias nas telenovelas, com personagens – de acordo com a classificação – caricatas.

Uma característica definia o personagem, ou estava na trama apenas para desempenhar uma função. Diversas novelas brasileiras já retratatam negros, indigenas, PcDs[7] e a comunidade LGBTQIA+[8] de maneira rasa e estereotipada levantando uma "representatividade" errônea sobre esses grupos, "essa produção audiovisual apesar de ser considerada como expressão da "cultura brasileira", em alguns momentos reforça preconceitos difundidos no senso comum" (Grijó, 2012, p. 188).

Em toda a trajetória da teledramaturgia, como foi utilizado o personagem para ilustrar os negros no Brasil? Nos próximos tópicos, será apresentado um breve histórico sobre a representatividade de pessoas negras, desde o início das telenovelas brasileiras até 2023. Para melhor compreensão, o histórico está dividido em duas fases: a representação até os anos 1990 e, em sequência, as mudanças e permanências nos personagens negros de 2000 até 2023. Foram selecionados casos que apresentavam alguma relevância, positiva ou negativa, ao tratar da representação da população preta.

2.2 A REPRESENTATIVIDADE NEGRA NAS TELENOVELAS ATÉ OS ANOS 90

Ao abordar sobre representatividade negra, o teórico cultural, Stuart Hall, oferece subsídios conceituais para essa discussão. De acordo com o Hall (2016), a representação não é um simples reflexo do que se pretende mostrar, é na verdade, um conjunto de sistemas que organizados possuem poder de representar coisas, pessoas e eventos.

Em seus estudos, explica que o sentido – significação de algo – passa e depende de dois sistemas representacionais. O primeiro sistema são os conceitos constituídos na mente, que operam como um sistema que classifica e organiza o mundo por categorias. "Se nós temos um conceito para alguma coisa, nós podemos dizer que sabemos seu "sentido" (Hall, 2016, p. 54). O segundo sistema é a linguagem que é formada por signos, que somente podem ter sentido se tivermos códigos capazes de traduzir nossos conceitos na linguagem.

O autor explica a importância dos códigos na representação:

> Esses códigos são cruciais para o sentido de representação, não existem na natureza, porém são resultados de convenções sociais. Eles formam uma parte crucial da nossa

[7] PcD é a abreviação de Pessoa Com Deficiência. O termo se refere a pessoa que tenha alguma deficiência, seja ela adquirida ao longo da vida ou de nascimento (UOL, 2024).

[8] A sigla representa a diversidade de orientações sexuais e identidades de gênero: L (lésbicas), G (gays), B (bissexuais), T (transgênero), I (intersexo) e A (assexual). O símbolo "+" no final da sigla é usado para incluir outras identidades de gênero e orientações sexuais que não se encaixam no padrão cis-heteronormativo e que não estão explicitamente representadas nas letras anteriores(CNN, 2022).

> cultura – nossos mapas de sentido compartilhados – que aprendemos e, inconscientemente, internalizamos quando dela, nos tornamos membros (Hall, 2016, p. 54).

No Brasil, a quem pertenceu o poder de criar e participar das convenções sociais? Visto que há menos de dois séculos pessoas negras eram vistas como mercadoria e não como seres humanos, o poder de representar o que é ser negro no mundo real e nas telenovelas não coube às pessoas negras. “No caso do Negro, o problema é ainda mais complexo porque dado as relações de poder da sociedade colonial, é através do olhar do Branco que ele se vê e se constitui” (Faustino, 2013, p. 7).

De acordo com Santos (2000) historicamente as pessoas negras foram a sustentação e garantia do conforto das classes dominantes, esses grupos por sua vez, tiveram grande responsabilidade da perpetuação de princípios conservadores e desigualitários. “Os interesses cristalizados produziram convicções escravocratas arraigadas e mantêm estereótipos que ultrapassam os limites do simbólico e têm incidência sobre os demais aspectos das relações sociais" (Santos, 2000, p. 1).

Em sintonia com a fala de Santos, é possível relacionar com a explicação que Hall (2016) oferece sobre a estratégia de reduzir os aspectos da negritude a “natureza”, tática perceptível na construção da representação negra:

> A prática de reduzir as culturas do povo negro à natureza, ou naturalizar “a diferença” foi típica dessas politicas racializadas da representação. A lógica por trás da naturalização é simples. Se as diferenças entre o negro e o branco são “culturais”, então elas podem ser modificadas e alteradas. No entanto, se elas são naturais – como acreditavam os proprietários de escravos –, estão além da história. São fixas e permanentes. A “naturalização” é portanto uma estratégia representacional que visa fixar a “diferença” e assim ancorá-la para sempre (Hall, 2016, p. 171).

O negro no Brasil passa por uma eterna construção de imagem, de um lado sofre com as marcas históricas que buscam limitar e definir o que pode ser e onde pode chegar, e por outro lado vive a tentativa constante de ultrapassar essa “linha invisível” que o separa dos outros. “Logo, [a pessoa negra] tanto é incômodo haver permanecido na base da pirâmide social quanto haver "subido na vida"” (Santos, 2000, p. 3). Após tratar brevemente sobre a representação e condição de ser negro no Brasil, cabe agora destacar, para melhor entendimento, personagens importantes na construção da visibilidade de personagens negros nos dramas nacionais.

No decorrer da trajetória da telenovela brasileira, os atores negros tinham mais espaço em dois tipos de papeis: pessoas escravizadas – válido ressaltar que a quantidade de

artistas negros era maior em novelas com essa temática – ou empregados dos protagonistas brancos (Grijó, 2012; Andrade, 2009). “Naquela década, [anos 60] a mulher negra era representada regularmente como escrava ou empregada doméstica, encaixando-se na reedição de estereótipos comuns ao cinema e à televisão norte americanos, como as “mammies” (Araújo, 2021).

Aos homens negros também cabiam os papéis de servidão. “Os empregados negros, homens, aparecem com frequência, principalmente nas novelas rurais, que retratam histórias do Nordeste nas quais os capatazes e empregados são sempre os fiéis e cegos defensores de seus coronéis/sinhozinhos” (De Lima, 2000, p. 92).

A primeira novela a ter protagonista negra foi “A cor da Sua Pele”, exibida em 1965, pela TV Tupi. A trama conta a história de Clotilde Almeida (Iolanda Braga), uma jovem que vai trabalhar como doméstica na casa “Dos Graco”, ela se apaixona por Eduardo Graco (Leonardo Villar) mas enfrenta a desaprovação da família do seu amado. A novela tambem foi a primeira a exibir um beijo interracial (Costa, 2023; Javorski, 2014).

Entretanto, cabe ressaltar a segunda novela com uma protagonista negra, primeira da Tv Globo, “A Cabana de Pai Tomás” uma obra marcada por ter questões problemáticas como o *blackface.* A produção contava com Ruth Souza interpretando Cloé, porém Tomás, personagem principal, era interpretado por um ator branco, Sérgio Cardoso. O ator pintava o corpo, usava peruca e colocava rolhas em seu nariz para interpretar o personagem. A escolha do artista para interpretar Tomás veio de um dos maiores patrocinadores de telenovela na época, a empresa Colgate-Palmolive. A novela foi ao ar em 1969, e também foi a última produção da emissora global com textos estrangeiros (Araújo, 2004 apud Andrade, 2009).

Além desses dois momentos de protagonismo, é necessário citar o sucesso da personagem Mamãe Dolores interpretada por Isaura Bruno na novela “O Direito de Nascer”, produção da TV Tupi que foi ao ar em 1969. A personagem representava a “mãe preta” , aquela que acolhe e cuida de todos na casa em que trabalha, herança direta do tempo escravocrata da ama de leite (Andrade, 2009). A atriz trabalhou em mais três novelas fazendo papeis do mesmo gênero, e terminou sua vida vendendo balas na Praça da Sé, em São Paulo (Araújo, 2000).

Para além de escravos e subalternos, houve algumas poucas tentativas de personagens negros em maior grau social. Um exemplo foi o psiquiatra “doutor Percival Garcia”, interpretado por Milton Gonçalves, na novela “Pecado Capital”, de Janete Clair, exibida pela Globo em 1975. Ainda que um doutor, na trama a participação de Percival se

limitava a tratar Vilma (Débora Duarte) e ao longo da história passava a atender a família inteira da personagem (Memória Globo).

A função do doutor na história é de certo modo rasa, visto que mesmo sendo um psiquiatra renomado está na trama para, de certo modo, servir uma família. De acordo com De Lima (2000), mesmo as produções brasileiras colocando alguns personagens negros com certa ascensão social – tentando ir na direção contrária dos dois caminhos citados acima –, a autora explica que esses personagens, nas novelas, não possuíam enredo próprio, família ou núcleo social.

Nas décadas seguintes houve alguns avanços e retrocessos, episódios que pareciam iniciar um novo momento para representação dos negros, logo em seguida eram cometidas falhas graves nas produções. Em 1984, foi ao ar, na Tv Globo, a novela "Corpo a Corpo", de Gilberto Braga, explorando a relação de um casal inter racial formado por Sônia Nascimento Rangel (Zezé Motta) e Claudio Fraga Dantas (Marcos Paulo), sendo uma das primeiras produções a abordar racismo em uma relação romântica. Na novela o casal enfrentava adversidades, entretanto os desafios eram para além das telas. A atriz Zezé Motta teve que enfrentar diversos comentários racistas, pois a audiência não entendia como sua personagem tinha "fisgado" um galã daqueles (Andrade, 2009).

Após alguns anos foi ao ar "Pedra sobre Pedra", obra de Aguinaldo Silva, transmitida em 1992, pela TV Globo. A produção audiovisual apresentou um padre negro, o sarcedote Otoniel (Antônio Pompêo), que sofre com a "implicância" da fervorosa católica Gioconda Pontes (Eloísa Mafalda), visto que o jovem padre assume o lugar do antigo presbitero (Memorial Globo). A novela começou tratando a questão racial de maneira arquitetada, porém, no desenrolar da trama o assunto perde força e foi reduzido a Gioconda sendo internada em um hospício (De Lima, 2000).

Um exemplo similar mas de maior gravidade foi "Pátria Minha", de Gilberto Braga, exibida pela TV Globo em 1994. A trama protagonizou uma das cenas mais racistas da teledramaturgia brasileira, que gerou revolta no público e principalmente nos movimentos que lutavam pelos direitos das pessoas negras, essas entidades exigiram uma retratação da emissora. A cena mostrava Raul Pelegrini (Tarcísio Meira) acusando injustamente seu jardineiro Kennedy (Alexandre Moreno) de furtar suas joias e documentos. Em seguida, Raul Pelegrini profere uma série de insultos racistas e argumenta explicitamente que os brancos possuem um maior grau de inteligência do que os negros (Andrade, 2009). "No final, o vilão

racista se redime e pede perdão ao jardineiro que se tornara estudante como almejava" (De Lima, 2000, p. 95).

No mesmo ano também foi ao ar "Quatro por Quatro", escrita por Carlos Lombardi, a novela teve grande sucesso, entretanto com situações problemáticas, pois novamente tem a prática do *blackface* com a personagem Auxiliadora (Elizabeth Savalla). "Assim caracterizada [Auxiliadora], subia o morro, arrebitando o traseiro e gingando exageradamente, acompanhada e protegida por sua empregada Isabel (Neusa Borges) , negra e fiel, e criando situações cômicas"(De Lima, 2000, p. 98).

O cineasta Joel Zito Araújo, em seu artigo publicado na revista "Cinémas d'Amérique latine" elucida esse momento em que as novelas começam a tratar sobre a questão racial entretanto de maneira turva e reducionista:

> O racismo brasileiro apareceu na telenovela somente como uma das características negativas do vilão, e não como um traço ainda presente na sociedade e na cultura brasileira. Até o final dos anos noventa, poucas telenovelas trataram a discriminação racial contra o negro brasileiro de forma direta. Na teleficçao, assim como na nossa sociedade, a vergonha de demonstrar o próprio preconceito, ou o "preconceito de ter preconceito", conforme alertava o sociólogo Florestan Fernandes, criou o tabu que inibe a manifestação aberta do racismo e fortaleceu o consenso em torno do mito da democracia racial brasileira (Araújo, 2021).

Em concordância com o acadêmico, De Lima (2000) em seus estudos já havia chegado em conclusões similares, analisando telenovelas das décadas de 70, 80 e 90:

> O que em linhas gerais se pode perceber de modo quase recorrente que as tramas que se iniciam criam expectativa de uma discussão mais séria sobre a questão racial mas, frequentemente, acabam por diluir, diminuir ou atenuar a proposta inicial (De Lima, 2000, p. 95).

Os últimos exemplos desse breve histórico evidenciam pequenos avanços da representação do negro na telenovela. Em 1995, estreia "A Próxima Vítima", obra de Sílvio Abreu e transmitida pela TV Globo. A trama possui uma família negra que além de classe média tem participação efetiva no enredo principal (Balbino, 2018). O núcleo de personagens negros era formado pelo pai, Cleber Noronha (Antônio Pitanga), um honesto contador, casado com a secretária-executiva Fátima (Zezé Motta). O casal tinha três filhos: Sidney (Norton Nascimento), gerente de banco, Jefferson (Lui Mendes), estudante de Direito, e Patrícia (Camila Pitanga), que sonhava ser modelo (Memória Globo).

Além de trabalhar com a questão racial, no mesmo núcleo, era abordado a homofobia pois um dos filhos do casal, Jefferson, formava par amoroso com Sandro (André Gonçalves),

colocando na tela dos brasileiros um casal homoafetivo e interracial. De acordo com Balbino (2018), Silvio Abreu, fazia uma tentativa de colocar a família Noronha na mesma posição social que uma família branca, incluindo os problemas (conservadorismo e preconceito).

Por fim, no ano seguinte estreou uma das mais significativas obras da dramaturgia brasileira, "Xica da Silva", que foi ao ar em 1996, através da Rede Manchete, escrita por Walcyr Carrasco. A personagem Xica da Silva (Taís Araújo) tratava-se de uma escrava inteligente, destemida e ciente de sua raça e dos desafios que enfrentaria ao ser alforriada e passar a integrar a nobreza do país (Andrade, 2009). "Xica da Silva foi a telenovela responsável por trazer – pela primeira vez na teledramaturgia brasileira – uma atriz negra interpretando de maneira absoluta uma protagonista – ainda que no estereotipado papel de escrava" (Balbino, 2018, p. 122).

Nessa última telenovela pontuada, o autor traz o conceito "estereótipo", de maneira simplificada podemos dizer "que estereotipagem reduz, essencializa, naturaliza e fixa a "diferença" (Hall, 2016, p. 191). É justamente o que ocorreu na representação do negro nas mídias, e de forma explicita nas telenovelas. Até o momento foram citados diversos personagens que em simples análise é possível enxergar um padrão de repetição.

Devido ao mito de que no Brasil exista a democracia racial, foi normalizado ver negros em posição de subservientes aos brancos independentemente de ser em tempos escravocratas ou não, raramente o negro esteve em posição de igualdade ao branco e nas poucas tentativas de inserção de personagens que rompessem esse padrão o público reagia mal, "a estereotipagem implanta uma estratégia de "cisão", que divide o normal e o aceitável do anormal e inaceitável" (Hall, 2016, p. 191).

Nas suas palavras de conclusão De Lima (2000) aborda sobre a necessidade de mudança na representação do negro:

> A telenovela hoje pretende representar a moderna sociedade brasileira, discutir temáticas sociais candentes dessa sociedade, mas não parece incluir nessas temáticas a veiculação de uma imagem mais moderna das relações entre brancos e negros ou da situação social real desse segmento nem muito menos um questionamento mais corajoso da questão racial, a não ser esporadicamente e com equívocos (De Lima, 2000, p. 98).

Portanto, nos primeiros momentos da telenovela muitos erros foram cometidos, porém se a sociedade possuía atitudes e visões errôneas em relação a pessoas negras, autores de novela, majoritariamente homens brancos, também iam falhar com a representação da maioria da população brasileira. O capítulo seguir pretende fazer um paralelo entre evidenciar

brevemente alguns personagens negros dos anos 2000 e salientar duas questões pertinentes: o uso de estereótipos nos personagens e a problemática dos tons da pele negra. Nesse próximo tópico cabe analisar o que mudou na representação do negro e o que ainda se mantém.

2.3 MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS NA REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NOS ANOS 2000

Após pontuar passagens cruciais da teledramaturgia brasileira, para o entendimento da construção dos lugares que personagens negros ocuparam, cabe ressaltar o que permaneceu e o que de certa forma, progrediu nos últimos vinte anos. Como parâmetro será utilizado o estudo "O negro na telenovela brasileira: a atualidade das representações" de Wesley Pereira Grijó. Além dos conceitos de Lélia Gonzalez e Stuart Hall.

Em 2001, estreou "O Clone" na Tv Globo, obra de Glória Perez, a trama girava em torno do romance entre Jade (Giovanna Antonelli) e Lucas (Murilo Benício), o casal passa por muitos obstáculos para tentar ficar junto, um dos empecilhos é o clone de Lucas, Léo, criação do Doutor Albieri (Juca de Oliveira). A mãe do clone é a Deusa (Adriana Lessa) que recorreu à inseminação artificial para ter seu filho, porém o cientista utilizou o óvulo da manicure para alojar seu experimento (Memória Globo).

Apesar de não ser do núcleo de protagonistas, Deusa tem muita relevância na história, a personagem não é avulsa na trama, tem sua mãe Dona Mocinha (Ruth de Souza), amigas e par romântico (Coeli, 2004). Além de Deusa, a governanta Dalva (Neusa Borges) também tem espaço na trama, porém sua função na história segue à risca o estereótipo "mãe preta" já comentado. A Dalva na novela está sempre tentando ajudar "seus meninos" e se preocupa como se fossem seus filhos. A empregada doméstica no decorrer das cenas está sempre se compadecendo com os conflitos dos patrões.

Após 3 anos temos a primeira protagonista negra do novo milênio. A obra "Da cor do Pecado", escrita pelo novelista João Emanuel Carneiro, foi ao ar pela TV Globo em 2004. Mais uma vez a trama principal gira em torno de um triângulo amoroso, Paco (Reynaldo Gianecchini) é noivo de Bárbara (Giovanna Antonelli) mas, o botânico se apaixona por Preta (Taís Araújo) na viagem que faz até São Luís, Maranhão (Memória Globo).

Ainda que seja de grande valor ter uma protagonista negra, o par romântico de Paco era uma feirante de família pobre, "a personagem Preta de Souza trazia consigo alguns estereótipos que estão impregnados nos hábitos preconceituosos do brasileiro" (Balbino,

2018, p. 124). Ademais, o próprio nome da novela demonstra que certas ideias não foram superadas.

Ao exemplificar estereótipos, cabe falar do casal “Ellen” (Taís Araújo) e “Foguinho” (Lázaro Ramos) de "Cobras e Lagartos", novela também de João Emanuel Carneiro, que foi ao ar em 2006. Na trama Foguinho é desprezado e humilhado pela sua família, e é visto como um “zé ninguém”, é apaixonado por Ellen, entretanto após o namoro de adolescência sua amada já deixou claro que não quer nada com ele (Memória Globo).

Por engano, Foguinho acabou herdando uma herança milionária, e se deixou levar pelo luxo ao invés de corrigir o erro, visto que com dinheiro, sua família passou a bajulá-lo e ele teve Ellen ao seu lado (Grijó, 2012). “Ele era o malandro atrapalhado que sonhava em ficar rico para enfim ser aceito pela mulher (negra) com quem sonhava ter um relacionamento” (Nascimento, 2017 p. 198) .

A Ellen era uma mulher bonita, esperta e fazia de tudo para ficar rica. Ainda que de maneira um pouco cômica, foram personagens negros sendo vilões e com diversas camadas, Foguinho e Ellen se destacaram por não serem personagens planos e rasos, tinham suas próprias histórias e participação efetiva no enredo principal.

Ao tratar de personagens negros com destaque no enredo é preciso citar Bebel (Camila Pitanga), a prostituta da novela “Paraiso Tropical”, escrita por Gilberto Braga, produzida e transmitida pela Tv Globo em 2007. Na trama, Bebel vive um romance com Olavo Novaes (Wagner Moura), os dois são vilões e dificultam a vida dos “mocinhos” da novela, entretanto o casal ganhou os telespectadores, principalmente Bebel (De Almeida, 2014). “O fato de Gilberto Braga ter construído uma personagem linda, ambiciosa, com um certo desvio de caráter, mas sempre exuberante, transformou a prostituta num sucesso instantâneo”, (De Almeida, 2014, p. 7).

A bela e carismática prostituta foi aclamada pelo público e teve seus bordões e figurinos reproduzidos na rua. “Em Paraíso Tropical, a personagem Bebel brilhou com seus acessórios ousados, pulseiras grossas e exuberantes, roupas decotadas e chamativas que mostravam sua personalidade”, (Mattos, 2008, p. 33).

No mesmo ano, na novela “Duas Caras”, de Aguinaldo Silva, temos um personagem negro sendo o “mocinho”. Trata-se de Evilásio Caó (Lázaro Ramos), um líder comunitário que pelo seu lado político, principalmente como representante dos negros, acaba sendo eleito vereador no Rio de Janeiro (Andrade, 2009). “Dentre todas as personagens negras de “Duas caras”, ‘Evilásio’ é a única a não se enquadrar como secundária: é um dos protagonistas e o

primeiro a ser interpretado por um ator negro em telenovelas brasileiras" (Andrade, 2009, p.81).

Em continuidade aos personagens masculinos, na novela "A Favorita", de João Emanuel Carneiro, transmitida pela TV Globo em 2008, temos Romildo Rosa (Milton Gonçalves) um deputado poderoso, que veio de origem humilde mas conseguiu ascender socialmente através da política. É pai de Alicia (Taís Araújo), Eduardo (Fabrício Boliveira) e Damião (Malvino Salvador) mas esse último o viúvo ignora pois é fruto de um caso extraconjugal (Memória Globo).

O personagem é motivo de destaque pela classe social que está inserido. Na trama circula entre os poderosos, é um raro exemplo de personagem negro que possui seu espaço (mansão, escritório, carro…), familia e é conhecido pelo sobrenome. Quantos personagens negros possuem qualquer poder de influência pelo sobrenome em novelas? O vilão político e toda sua família possuem espaço e desenvolvimento na trama (Grijó, 2012).

Por fim, em 2009 a TV Globo colocou duas protagonistas negras na sua grade de novelas. No horário das 18h "Cama de Gato" de Duca Rachid e Thelma Guedes, e no horário das 21h "Viver a Vida" de Manoel Carlos. Em "Cama de Gato" a Rose (Camila Pitanga) é uma mulher trabalhadora que luta para criar seus filhos: Tarcísio (Heslander Vieira), Glória (Raquel Fuina), Francisco (Gustavo Maya) e Regina (Julyana Garcia). A faxineira que vai relembrar a Gustavo (Marcos Palmeira), um empresário bem sucedido de origem humilde, os valores da vida, os dois formam par romântico mas enfrentam os obstáculos que a mulher de Gustavo, Verônica (Paolla Oliveira), coloca no caminho dos dois (Memória Globo).

Na obra de Manoel Carlos, a atriz Taís Araújo interpreta a primeira Helena negra do autor. A protagonista é uma modelo de sucesso que abandona as passarelas no auge da carreira para se casar com o empresário Marcos (José Mayer), que é ex- marido da modelo aposentada Tereza (Lilian Cabral). Helena enfrenta dificuldade de ter aceitação da enteada Luciana (Aline Moraes) e da ex-mulher de Marcos (Memória Globo).

De acordo com Grijó (2012), logo no início da trama Luciana fica paraplégica e tanto os pais, Marcos e Tereza, quanto o público de casa enxerga Helena como culpada. A personagem começa a não ter muita aprovação dos telespectadores, e por esse desenrolar, a protagonista passa por cenas que acabam reforçando o negro em submissão ao branco. "Ao pedir perdão mesmo sem culpa, ela [Helena] se humilhou e ficou de joelhos à espera da clemência da rival [Tereza], que não hesita em dar uma bofetada no rosto da modelo e ainda disse se tratar de um revide ao que ela fizera a sua filha antes do acidente (Grijó, 2012).

Após expor casos pontuais da primeira década do milênio cabe relacionar e brevemente analisar o enquadramento dos personagens em estereótipos. Como explica Hall (2016), o estereótipo destaca, fixa e essencializa a diferença. Além disso, os estereótipos são muito mais inflexíveis que tipificações, afinal a tipificação é necessária para uma caracterização simples das coisas diferente dos estereótipos que estão para excluir e limitar as coisas. Este processo fica claro nas produções audiovisuais. Ainda mais se relacionar os personagens, principalmente femininos, com as palavras da acadêmica Lélia González.

Ao analisar Deusa e Dalva (O Clone), Preta (Da Cor do Pecado), Bebel (Paraíso Tropical) e Rose (Cama de Gato), é possível estabelecer uma conexão com a teoria de González sobre a representação da mulher negra. O que todas essas personagens têm em comum? Todas estão em posição subalterna aos brancos, essas personagens representam a herança da mucama, ou seja, são "domésticas" ou "mulatas". Ademais podem ser a versão moderna da mãe preta (Gonzalez, 2020).

É possível enxergar nas personagens os três estereótipos, criados pela branquitude, e catalogados por Gonzalez. Primeiramente uma breve descrição da origem e função da mãe preta:

> Foi em função de sua atuação como mucama que a mulher negra deu origem à figura da mãe preta, ou seja, aquela que efetivamente, ao menos em termos de primeira infância (fundamental na formação da estrutura psíquica de quem quer que seja), cuidou e educou os filhos de seus senhores [...] (Gonzalez, 2020, p.46).

A mãe preta vivia em prol dos filhos dos seus senhores, era-lhe tirado o direito de cuidar da sua própria família. Para relacionar, a seguir a descrição da personagem Dalva de "O Clone":

> DALVA (Neusa Borges) – Criou Lucas (Murilo Benício) e Diogo (Murilo Benício) desde que nasceram. Alegre, afetuosa, maternal, não compreende a clonagem humana, apegando-se a explicações sobrenaturais para justificar o aparecimento de Leandro (Murilo Benício) em suas vidas. Tem profunda desconfiança de Albieri (Juca de Oliveira), a quem considera um malandro bem-sucedido. Não acredita no projeto que ele desenvolve com os rebanhos de Leônidas (Reginaldo Faria) (Memória Globo).

As semelhanças nas funções e características entre a mãe-preta e Dalva são explícitas, sem querer adiantar os seguintes tópicos, mas nos próximos dez anos a teledramaturgia vai continuar colocando mulheres negras mais velhas para interpretar a mãe-preta. Os autores podem até mudar o cenário, colocar dois familiares dela em algumas

cenas, ou até dar um par romântico para ela, claro o mordomo ou motorista, mas as características essenciais se manterão.

Nos estudos de González (2020), a doméstica e a mulata são derivações da mucama. A mulher negra escravizada que era mucama tinha acesso aos casarões, geralmente era mais jovem e de pele mais clara, pois essas acompanhavam seus senhores, a ela lhe cabia cozinhar, limpar, cuidar das crianças e ainda aguentar os abusos sexuais dos senhores.

Lélia González, esclarece o que abrange os termos doméstica e mulata:

> O processo de exclusão da mulher negra é patenteado, em termos de sociedade brasileira, pelos dois papeis sociais que lhe são atribuídos: "domésticas" ou "mulatas". O termo "doméstica" abrange uma série de atividades que marcam seu "lugar natural": empregada doméstica, merendeira na rede escolar, servente nos supermercados, na rede hospitalar etc. Já o termo "mulata" implica a forma mais sofisticada de reificação: ela é nomeada "produto de exportação", ou seja, objeto a ser consumido pelos turistas e pelos burgueses nacionais (Gonzalez, 2020, p.36).

A autora ainda exemplifica que as mulheres negras podem transitar nesses dois lugares que são colocadas: no cotidiano domésticas, e no carnaval mulatas (Gonzalez, 2020). Nesses primeiros dez anos, foram três protagonistas negras, Preta (Da cor do Pecado) Helena (Viver a Vida) e Rose (Cama de Gato), duas dessas personagens eram pobres, Preta era uma feirante vendedora de ervas e a Rose uma faxineira (Grijó, 2012).

É perceptível essa transição que Gonzalez exemplifica, pois mesmo sendo belas atrizes, protagonistas nas tramas, conquistando o amor do mocinho, no cotidiano da novela as personagens ocupavam a posição que González classifica como doméstica.

Sobre a mulata, Bebel (Paraíso Tropical) é um exemplo perfeito. A prostituta está sempre com roupas curtas e decotadas. Na trama protagonizava cenas quentes com seu par romântico Olavo, um homem branco e rico. "A atriz Camila Pitanga, com suas características físicas bem brasileiras (ou com as características do estereótipo da mulher brasileira: morena, poucos seios, quadril largo) aliada a uma interpretação visceral, transformou Bebel numa paixão nacional" (De Almeida, 2014, p.8).

De acordo com González (2020), as mulatas através da exposição do seu corpo com poucas roupas e muito rebolado, além de serem vistas como objetos sexuais para turistas e burguesia nacional contribuem, sem saber, para o mito da democracia racial no Brasil, pois elas como resultado da miscigenação são belas e aclamadas.

Ao expor essas personagens e relacioná-las com os estereótipos, outra questão fica explícita nessa análise: o colorismo, ou melhor, a pigmentocracia. De acordo com Góes

(2022), somente o termo "colorismo" não consegue abranger as implicações e impasses que ocorrem no Brasil, pois o conceito, criado por Alice Walker, elucida um sistema de opressão intraracial, ou seja, algo que ocorre dentro da comunidade negra, mais especificamente uma diferenciação de violência entre mulheres de pele mais escura e as mulheres de pele mais clara, visto que estava reservado a mulheres mais retintas a solidão e a mais claras a objetificação.

O termo, que surgiu de estudos sobre a comunidade negra estadunidense, não consegue explicar o que ocorre no Brasil, primeiramente pela forma de se identificar como pessoa negra: nos EUA, é por descendência, e no Brasil, por características fenotípicas. Outros dois motivos são a tentativa de embranquecimento e o já citado mito da democracia racial (Góes, 2022).

A pigmentocracia consegue explorar melhor essa questão, pois o termo de Alejandro Lipschutz implica que a cor da pele é o aspecto mais significativo, superando qualquer outra característica e servindo de respaldo para o grupo social dominante. No Brasil, vários exemplos mostram como o país vive nesse sistema. No mercado de trabalho, nas mídias e no cotidiano, a maneira como uma pessoa será tratada nos ambientes muitas vezes é determinada pelo seu tom de pele (Góes, 2022).

Entretanto, como fica a figura do mulato nesse sistema? Diante do que já foi exposto, o mulato serve como exemplo da democracia racial, demonstrando como o negro é aceito na sociedade, bastando apenas “clarear um pouco a pele”. Contudo, o mulato também é um lembrete da falha tentativa de branqueamento, além de ser um registro de que os primeiros “mulatos” são resultados dos estupros que as mulheres escravizadas sofreram dos senhores (Góes, 2022).

FIGURA 1 – Colagem com as personagens Deusa e Dalva “O Clone” (2001), Preta “Da cor do Pecado” (2004), Helena “Viver a Vida” (2009), Bebel “Paraíso Tropical” (2007) e Rose “Cama de Gato” (2009)

FONTE**:** Construído pela autora (2024)

Por fim, ao relacionar as implicações de peles mais claras e peles mais escuras, é possível perceber a problemática nas personagens. Deusa e Dalva, que tinham a pele mais escura, eram associadas às posições de doméstica e servente, raramente eram humanizadas; Deusa teve sua vontade de ser mãe transformada em experimento de clonagem pelo Dr. Albieri, e Dalva era apenas a empregada, sua função era somente servir.

As personagens Preta e Helena, vividas por Taís Araújo, representam a transição, pois, embora a pele da atriz seja mais escura, seus traços — muito valorizados no Brasil — são mais “finos”, e a caracterização das personagens (maquiagem, cabelo, figurino) também contribuiu para uma tentativa de embranquecimento da atriz, visto que Preta era a protagonista e Helena uma modelo renomada somente “clareando” sua aparência para acessar esses espaços.

Por último, Rose e Bebel, interpretadas por Camila Pitanga, explicitam a figura da “mulata”, tanto pelos traços quanto pela cor da pele mais clara. As duas personagens eram desejadas, tinham relações inter-raciais na trama e, por vezes, tiveram mais desenvolvimento

nas novelas do que Deusa e Dalva, coadjuvantes em suas histórias, diferentemente de Rose, que era protagonista, e Bebel, antagonista.

No entanto, mesmo com alguns espaços a mais, nenhuma das personagens interpretadas por mulheres negras de pele mais clara chegou perto do lugar que as personagens interpretadas por mulheres brancas ocupam: “o negro que ascende socialmente nunca terá sua existência ou humanidade reconhecida; será, no máximo, o escravo submisso” (Góes, 2022, p. 16).

Em paralelo, como a autora menciona, as personagens que se enquadram no estereótipo de mulata vivem essa realidade. Afinal, Rose era faxineira de uma empresa de perfumes e seu par romântico, Gustavo (Marcos Palmeira), era o dono da empresa; Bebel era uma prostituta, e seu par romântico, Olavo (Wagner Moura), era, no começo, seu cliente. Portanto, havia uma situação de submissão ou objetificação, e a elas também não era concedida a humanidade, pelo menos não no primeiro contato. “O resultado é: a maior população negra das Américas [brasileiros] tentando esconder a sua negritude, com medo de morrer, e, ao mesmo tempo, tentando parecer uma pessoa branca para existir” (Góes, 2022, p.20).

Enquanto a representação dos homens, não estão muito longe das classificações das mulheres, quando não vistos como incompetentes, desprovidos de inteligência ou marginais, são infantilizados e reduzidos a objetos sexuais (González, 2020). De acordo com Hall (2016) o negro está aprisionado em uma estrutura binária de esteriótipo. Nesse regime de representação racionalizada o negro é obrigado a transitar entre os dois opostos extremos. “Assim, os negros “infantis” e sexualizados, da mesma forma que os jovens negros são “Sambos simplórios” e/ou “selvagens astutos e perigosos” e os homens mais velhos são “bárbaros” e/ou “nobres selvagens” (Hall, 2016, p. 200).

O personagem Foguinho (Cobras & Lagartos) é um exemplo. “Considerado feio e “burro”, ‘Foguinho’ representava o negro sem esperança, sem talento e sem amor”, (Andrade, 2009, p.69). O Foguinho era visto como um incopetente e fracassado, mas por se apossar de uma herança que não era sua também foi visto como malandro e ladrão.

Para representar os avanços cabe destacar Evilásio (Duas Caras), Romildo Rosa (A Favorita) e Helena (Viver a Vida). O personagem de Lázaro Ramos era uma boa pessoa e diferente de outros personagens que interpretou que eram sofridos e marginalizados, Evilázio pelo contrário atuava na comunidade para ajudar os que nessa situação se encontravam, o personagem ainda vive ascensão de prestígio social de líder comunitário à cadeira no legislativo da câmara carioca (Andrade, 2009).

Romildo Rosa, apesar de ser um vilão, representava um pai de uma família preta influente na sociedade paulistana. Ademais, no final da novela o político teve redenção por se entregar à polícia e receber o perdão dos filhos pelos crimes que cometeu. Helena também representou um avanço na representação por ser uma protagonista negra bem sucedida na sua carreira de modelo, os problemas foram as formas que construíram o enredo da personagem que acabou não tendo a repercussão e popularidade que as "Helenas" de Manoel Carlos costumam ter (Grijó, 2012).

Ao fim da análise dos personagens da primeira década Grijó sintetiza:

> O negro saiu da cozinha e da favela, virou patrão, médico, modelo, entretanto foi apenas uma minoria, pois em grande parte das telenovelas ainda continuou em papéis de empregados, favelados, bandidos, malandros etc. O imaginário de sensualidade e de erotismo exacerbado também ainda permeou essas representações (Grijó, 2012, p. 203).

Nos próximos anos a TV Globo vai produzir grandes sucessos da teledramaturgia brasileira. Para além dos bons índices audiência, cabe destacar personagens importantes para a mudança da representação do negro mas tambem se faz necessário ressaltar algumas falhas e descuidos das produções da emissora global.

Em 2012, no horário das 18h foi ao ar a telenovela "Lado a Lado", de João Ximenes Braga e Claudia Lage. A trama se passa no período pós abolição em que as pessoas são descendentes próximas de escravizados. O enredo mostra a amizade de Isabel (Camila Pitanga) e Laura (Marjorie Estiano). As duas vão ao longo da novela construindo suas vidas com o desejo de serem mulheres independentes, entretanto para Isabel, filha de ex-escravizado e pobre, os desafios são maiores (Memória Globo).

As duas se conhecem na igreja, Laura vai se casar com Edgar (Thiago Fragoso), um matrimônio arranjado, e Isabel com Zé Maria (Lázaro Ramos), mas devido à prisão de Zé Maria, Isabel não se casa (Memória Globo). A partir desse episódio vai se desenrolando a história como um melodrama cheio de desencontros, segredos, e reviravoltas.

Nessa novela o núcleo negro tem grande reponsabilidade no enredo. De acordo com a análise de Gomes (2023), é possivel considerar "Lado a Lado" como pioneira na representação de protagonistas negros conscientes da sua história e condição social. Isabel e Zé Maria são grandes personagens e exemplos de mudança na representação do negro. No decorrer da trama Isabel batalha para ter ascensão social, começa sendo empregada na casa de uma francesa, onde aprende a ler, escrever e o idioma da patroa. Como é uma excelente

dançarina no samba, ritmo que emergia na época, embarca para França onde constrói carreira se apresentando em espetáculos.

Retorna ao Brasil com condições financeiras para comprar mansão e ter empregadas, curiosamente brancas. Na trajetória de Isabel, a personagem possui ideias, vontades, anseios, tem amigas e luta para construir sua família. A personagem não se enquadra nos estereótipos até então reproduzidos na mídia (Gomes, 2023; Memória Globo). “Isabel é uma mulher livre, entende as suas limitações por estar numa sociedade marcada pelo racismo, mas em nenhum momento é tutelada por personagens brancos ou tem o seu corpo como modelo de apenas admiração" (Gomes, 2023, p. 17).

Enquanto o par romântico de Isabel, Zé Maria, também foge dos estereótipos. Ao longo da trajetória, o personagem de Lázaro Ramos também busca pela melhora de vida. Começa como barbeiro, depois se alista à marinha brasileira, onde aprende a lidar com finanças e estoques, e ao retornar ao Brasil passa a cuidar da parte administrativa de um jornal (Kunz, 2015).

Além da construção de sua própria vida, Zé Maria protagoniza momentos importantes da história do Brasil. O personagem está presente na Revolta da Vacina (1904) e na Revolta da Chibata (1910). Ademais, por ser um grande capoeirista, produz diálogos importantes sobre a criminalização da capoeira (Gomes, 2023). “Esse personagem assume a figura de alguns heróis nacionais negros, colocando-se em primeira pessoa” (Gomes, 2023, p. 6).

O casal evidencia como é possivel tirar os personagens negros de esteriótipos. Na trama, outros personagens também não obedecem ao histórico de representação, como Tia Jurema (Zezeh Barbosa), uma importante figura do Morro da Providência que proporcionava as rodas de samba e era responsável pela espiritualidade dos outros personagens da novela (Gomes, 2023). Entretanto, a produção também apresentou alguns personagens dentro do estereótipo. De acordo com Kunz (2015), a mulata sensual estava presente pela personagem Berenice (Sheron Menezzes) e o negro malandro pelo capoeirista Caniço (Marcello Melo Jr.) (Kunz, 2015).

No mesmo ano estreou Cheias de Charme, de Filipe Miguez e Izabel de Oliveira . A trama mostra a vida de três empregadas domésticas: Maria do Rosário (Leandra Leal), Maria Aparecida (Isabelle Drummond) e Maria da Penha (Taís Araújo). As três vão ficar famosas com um clipe que debocha das patroas e vão virar “As empreguetes” (Memória Globo).

Mais uma vez a protagonista negra está em posição de empregada. Nas definições de González, Penha é claramente a doméstica, pois mora em uma comunidade e trabalha como

empregada doméstica para sustentar sua família, isso inclui o marido Sandro (Marcos Palmeira) que não trabalha, o filho Patrick (Nicollas Paixão) e os irmãos Alana (Sylvia Nazareth) e Elano (Humberto Carrão) que faz faculdade de Direito (Memória Globo).

Em 2017, foi ao ar às 21h, "O outro lado do Paraíso", novela de Walcyr Carrasco. Fora os protagonistas, Clara (Bianca Bin), Sophia (Marieta Severo) e Gael (Sergio Guizé), uma personagem teve grande repercussão pela sua trajetória na novela a Raquel (Erika Januza). Uma mulher negra quilombola que vai trabalhar como empregada na casa do casal, Nádia (Eliane Giardini) e Gustavo (Luis Mello) e acaba se envolvendo com o primogênito deles, Bruno (Caio Paduan), estudante de Direito. Nádia é racista e não aprova o relacionamento do filho com a empregada. Após sofrer humilhações trabalhando na casa do juiz da cidade, Raquel decide se dedicar aos estudos e retorna a Palmas, como juíza (Memória Globo).

Em sua análise Roza (2019) explica que mesmo que uma mulher negra como juíza em uma novela seja importante, a personagem possui muitas problemáticas e se situa às margens dos estereótipos. A Raquel começa na trama como empregada doméstica e ainda se envolve com o filho de seus patrões, de forma moderna, esse enredo da personagem está à sombra da mucama.

Outro ponto é que Raquel é uma personagem secundária e na trama melhor amiga da protagonista que é branca. Uma relação muito explorada nas produções audiovisuais. Por último, mais uma vez o racismo foi tratado como traço característico do vilão, no caso a sogra, e não como um crime. Portanto, Walcyr Carrasco apresenta um personagem negro em ascensão social, mas desenvolve um enredo que perpetua problemas já consolidados na representação de mulheres negras (Roza, 2019).

Ainda nessa linha de erros, no ano seguinte estreou no horário das 21h, Segundo Sol, obra de João Emanuel Carneiro. Uma novela que se passa na Bahia, estado que possui o maior porcentual de negros fora da África, teve todos os protagonistas brancos. A emissora chegou a receber uma notificação do Ministério Público pela falta de representatividade negra (Gomes, 2023).

No ano precedente à pandemia, 2019, estreou no horário das 21h, "Amor de Mãe", de Manuela Dias. A trama girava em torno das vidas de Lourdes (Regina Casé), Thelma (Adriana Esteves) e Vitória (Taís Araújo) explorando as dificuldades da maternidade. Além de ter protagonista negra, na trama ainda tem Camila (Jéssica Ellen), filha adotiva de Lurdes, que tem destaque logo nos primeiros capítulos. Com um viés de retratar problemas sociais, a

novela em vários capítulos coloca os personagens para representar o que as pessoas enfrentam no dia a dia, desde machismo a problemáticas ambientais.

A Vitória e a Camila vão enfrentar várias situações difíceis, mesmo que de posições sociais diferentes. Enquanto Vitória é uma advogada de prestígio, Camila é uma professora de história recém-formada que dá aula em uma escola em bairro periférico. Duas mulheres negras, que ao longo da trama vão ter suas vidas, de certo modo conectadas (Fischer, 2022; Santos, 2020).

Na análise de Santos (2020) foi possível observar que as duas personagens tiveram desenvolvimento na trama e que não eram personagens planas ou serviam de apoio a personagens brancas como costuma ocorrer. Principalmente Camila que mesmo sendo do núcleo de coadjuvantes, protagonizou cenas importantes a respeito das dificuldades da mulher negra na sociedade. De acordo com as análises de Pereira (2024), entre 2010 e 2019, houve um aumento de protagonistas negras nas novelas das 21h em relação às décadas anteriores. No total, foram 9 personagens, porém o número é extremamente discrepante em relação ao de personagens brancas, que totalizaram 37.

Ademais, das 9 personagens citadas pela autora, 6 não estão descritas neste breve histórico, pois não evidenciam grandes mudanças na representação da mulher negra; contudo, exemplificam a questão já mencionada sobre pigmentocracia, uma vez que todas possuem pele clara. As personagens são: Morena (Nanda Costa) de “Salve Jorge” (2012), Regina (Camila Pitanga) de “Babilônia” (2015), Maria Tereza (Camila Pitanga) e Luzia (Lucy Alves) de “Velho Chico” (2016), e Bibi (Juliana Paes) de “A força do querer” (2017). As outras três personagens já foram citadas: Victória, Camila e Lourdes de “Amor de Mãe” (Pereira, 2024).

Em 2022, novamente aparece uma família negra com prestígio social e poder financeiro mas com uma atualização, enquanto em 2008 em “A Favorita” a família do deputado Romildo Rosa integrava o núcleo de personagens secundários, em “Cara e Coragem” a família Gusmão, é o pano de fundo para o desenrolar da trama. Pois a família formada pela mãe, Martha (Claudia Di Moura) e os filhos Clarice Gusmão (Taís Araújo), Leonardo Gusmão (Ícaro Silva) são proprietários da Siderúrgica Gusmão. A personagem Clarice é a presidente da empresa, cargo almejado pelo irmão Leonardo (Conceição, 2023).

O departamento de pesquisa da empresa descobriu uma fórmula revolucionária que pode trazer grandes feitos para a medicina mas com pequenos ajustes pode também ser usada para o setor industrial. A Clarice contrata os dublês Pat (Paolla Oliveira) e Moa (Marcelo Serrado) para recuperar essa fórmula, que foi perdida em um acidente, a partir desse episódio a trama começa a se desenrolar (Memória Globo).

Nessa novela além dos personagens negros serem os ricos da história, Clarice é uma mulher negra, inteligente, que ocupa cargo de liderança de uma importante empresa, com sua morte misteriosa, os outros personagens vão descobrindo partes da vida de Clarice que desconheciam, logo a personagem possui muitas camadas e se distancia dos estereótipos da mulher negra na teledramaturgia (Conceição, 2023; Gshow, 2022).

Por fim, cabe destacar o ano de 2023, pois pela primeira vez a rede Globo teve em todos seus horários novelas com protagonistas negros. A pioneira do ano foi “Vai na Fé”,no horário das 19h, de Rosane Svartman. A telenovela tinha protagonistas negros como Sol (Sheron Menezzes), a mocinha batalhadora, Jenifer (Bella Campos), filha do casal, e Bejamin (Samuel Assis), o galã bom moço. Além dos coadjuvantes que foram destaque como Kate (Clara Moneke), Bruna (Carla Cristina) e Hugo (MC Cabelinho). O folhetim global teve 80% do elenco composto por atrizes e atores negros (Gshow, 2023).

No mesmo mês de estreia de “Vai na fé”, janeiro, estreou mais uma obra de Walcyr Carrasco, “Terra e Paixão”, no horário nobre da TV Globo. A protagonista da trama, Aline (Barbara Reis) sofre na mão de Antônio La Selva (Tony Ramos), que quer as terras da viúva. Além disso, a protagonista vive um triângulo primeiramente entre os irmãos La Selva, Daniel (Johnny Massaro) e Caio (Cauã Reymond). Com a morte de Daniel o triângulo passa ser entre Aline, Caio e o irmão do seu falecido marido Jonatas, interpretado por Paulo Lessa (Gshow, 2023)

Em março, foi a vez de “Amor Perfeito”, de Duda Rachid e Julio Fischer, no horário das 18h, a trama possui como personagem central o menino Marcelino (Levi Asaf) que sonha encontrar seus pais Marê (Camila Queiroz) e Orlando (Diogo Almeida). Além dos dois protagonistas negros a novela conta com coadjuvantes negros também (Gshow, 2023).

Por fim, o ano de 2023 foi um marco em quesito de representatividade negra nas “telinhas”, no quesito quantitativo, entretanto se a representatividade foi positiva e ajudou a construir uma nova forma de retratar o negro, cabem a análises futuras.

3 VAI NA FÉ: A TRAMA

A telenovela Vai na Fé, teve estreia no dia 11 de janeiro de 2023 e seu último episódio foi ao ar dia 11 de agosto do mesmo ano. A obra de Rosana Svartman conta com 179 capítulos exibidos pela Rede Globo. O folhetim costura passado e presente da personagem Sol, entre o começo dos anos 2000 e os tempos atuais.

A protagonista da trama tem sua juventude ambientada no começo do milênio, mostra uma jovem que vive entre os costumes dos pais evangélicos e as aventuras que a Zona Norte do Rio de Janeiro proporcionava na época. Solange se dividia entre os cultos e os bailes funks, sem contar que, Sol, com sua beleza e coreografias cativava todos da festa, tanto que até foi apelidada de "princesinha do baile". Mesmo às escondidas, Solange e sua melhor amiga Bruna sempre estavam nessas festas. A Sol acabou chamando atenção de Benjamin, estudante de Direito, que também gostava dos bailes e levava seus amigos de faculdade, Theo e Simas.

A princesinha do baile e o aspirante a advogado se apaixonaram, mas por Sol querer esconder Ben de sua família, e os dois serem vítimas das armações de Théo, o romance não foi para frente. No seu breve relacionamento com Benjamin, o melhor amigo do seu namorado, Théo, também queria ficar com Solange mas a mesma não tinha interesse nele. No dia que Sol foi para o baile, encontrar Ben, Theo a abordou e disse que seu amigo não queria mais nada com ela e já está com outra. Sol ficou abalada com a notícia e acabou bebendo com Theo, que a incentivava a beber, já embriagada Théo estupra Sol. Por vergonha e sentimento de culpa, Sol não conta nada a ninguém a não ser Bruna. Entretanto, após o fim do relacionamento, Sol descobriu estar grávida e se desesperou pois não sabia quem era o pai. Após descobrir a gravidez, Solange para de frequentar os bailes e continua indo à igreja com os pais. Em um dos cultos, Sol conhece Carlão, que se apaixona por ela. Então os dois se casam, evitando boatos sobre a gravidez. A protagonista constroi uma família junto dele.

O tempo passa e a filha de Sol já tem 18 anos, Jenifer vê Carlão como pai, pois Sol passa todos esses anos escondendo a dúvida da paternidade de sua filha. A vida de Solange não é das melhores, seu marido está desempregado e fica somente ela responsável pela renda da casa. Em parceria com sua velha amiga Bruna vendem quentinhas para sustentarem suas famílias. Enquanto isso, Benjamin se tornou um advogado de sucesso, e se casou com uma amiga da faculdade, Lumiar, que também é advogada.

A Bruna, amiga de Sol, também teve uma filha, Kate, por serem quase da mesma idade Jenifer e Kate cresceram juntas e assim como suas mães se tornaram melhores amigas,

apesar das personalidades totalmente diferentes. Enquanto a filha de Sol é mais quieta e tímida, e cursa Direito em uma renomada faculdade, Kate é vaidosa e esbanja simpatia mas não tem interesse em continuar com os estudos.

A faculdade em que Jennifer consegue bolsa pelo ProUni, ICAES, é justamente a mesma faculdade que seu possível pai, Ben, estudou. Apesar de estar aflita com o lugar que sua filha vai frequentar, Sol segue em frente, porém a protagonista não contava que a esposa do seu amor de adolescência, Lumiar, daria aula para sua primogênita. A partir daí os *flashbacks* entre passado e presente se tornam recorrentes na novela para ambientar o telespectador sobre os detalhes da trama. Além disso, a novela aproveita as cenas do passado para mostrar comportamentos que já não são aceitáveis que aconteciam no início dos anos 2000. O folhetim possui muitos encontros e desencontros, reconciliações e traições, mas ao mesmo tempo mantém a leveza e comicidade, tradicionais características das telenovelas das 19h.

As mães e filhas citadas nesta breve introdução da telenovela são mulheres negras e possuem relacionamento próximo visto que as mães (Sol e Bruna) são amigas desde a adolescência e suas filhas passam a ser amigas também. É interessante centrar nessas quatro personagens pois mesmo vivendo em um mesmo ambiente e participando de experiências similares, suas personalidades são distintas, cabe descrever como essas personagens foram apresentadas nos capítulos iniciais da novela.

A Sol após seu "erro" na juventude de engravidar sem ter casado e sem falar quem era o pai, pois poderia ser fruto do seu amor ou de um estrupo, passou a seguir fielmente os princípios de sua família. É uma mulher cristã evangélica, mãe de duas meninas, Jenifer e Duda, e uma boa esposa dentro de um casamento de anos. No primeiro momento, seu contato com a música ficou limitado a cantar no coral da igreja mas ainda no início da trama Sol recebe a oportunidade de voltar aos palcos como dançarina e backing vocal do cantor pop Lui Lorenzo, essa mudança de profissão transforma a vida da protagonista pois como ela mulher cristã vai subir ao palco para dançar e cantar na noite? É necessário destacar que Sol aceita essa oportunidade pois já não consegue arcar com as despesas da casa vendendo quentinhas. Durante a trama, por meio da protagonista, é explorado várias pautas sociais como: religiosidade, machismo, violência sexual, racismo e desigualdade social.

Em relação à Bruna, a personagem também engravidou jovem e foi mãe solo de Kate. Com muito trabalho e sem depender de nenhum homem criou sua filha, mas diferente de Sol, Bruna não mudou completamente, ainda gosta de festas, e não concorda muito com a postura complacente de sua melhor amiga com a família, Bruna sempre lembra Sol do seu

lado artístico e de como brilhava nos bailes quando era jovem. É a maior incentivadora da amiga voltar aos palcos, ela que convence Sol aceitar a oportunidade de ser dançarina.

A primogênita de Solange, Jenifer, é focada nos estudos e também frequenta a igreja junto de sua família, corrige as falas machistas do seu pai Carlão, com quem sempre tem embates, defende e apoia Sol nas brigas com seu pai e avó. Jenifer é a primeira da sua família a fazer faculdade. Solange incentiva Jenifer a estudar, para ela a filha mais velha vai mudar a realidade da família através dos estudos.

A Kate, filha de Bruna, é o oposto de sua amiga Jenifer, é uma garota de personalidade forte e de autoestima inabalável, terminou o ensino médio junto com Jenifer mas não seguiu no caminho dos estudos, ao longo da trama fica mudando de empregos. Bruna e Kate também tem alguns embates, pois Kate apesar de ter alguns envolvimentos amorosos tem medo de ter o mesmo destino de sua mãe, ela almeja ter uma vida confortável e não quer acabar vendendo quentinhas.

FIGURA 2 - Colagem com personagens de Vai na Fé: Bruna (Carla Cristina Cardoso), Kate (Clara Moneke), Sol (Sheron Menezzes), Jenifer (Bella Campos), Lumiar (Carolina Dieckmann), Théo (Emílio Dantas), Carlão (Che Moais) e Benjamin (Samuel de Assis).

FONTE: Construído pela autora (2024)

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS ESTEREÓTIPOS DE VAI NA FÉ

Este tópico contempla a análise e discussão sobre as personagens escolhidas: Sol (Sheron Menezes), Bruna (Carla Cristina), Jenifer (Bella Campos) e Kate (Clara Moneke). A proposta consiste em verificar e catalogar o enquadramento (ou não) das quatro personagens nos estereótipos das mulheres negras descrito por Gonzalez (2020), através do método de análise de Penafria (2009).

4.1 METODOLOGIA

O presente trabalho foi desenvolvido utilizando os procedimentos dos estudos de Análise de Filmes de Penafria (2009). De acordo com o objetivo proposto de captar estereótipos, foi feita uma análise interna, com foco na imagem e no som, pois, segundo Penafria (2009), esse tipo de análise possibilita refletir e observar novas perspectivas sobre o mundo. Inicialmente, foi realizada a seleção de amostragem da telenovela. A trama possui 179 episódios, dos quais foram catalogados 15 capítulos, selecionados com base na ordem de exibição e no desenvolvimento da história.

Assim, foram escolhidos os 5 episódios da primeira semana, nos quais os personagens são apresentados; 5 episódios de desenvolvimento da trama, em que os personagens já têm suas narrativas construídas; e os 5 capítulos finais, que evidenciam a evolução dos personagens e seus desfechos. De acordo com a ordem dos capítulos disponibilizados no serviço de streaming Globoplay, foram analisados os episódios: 1, 2, 3, 4, 5, 87, 88, 89, 90, 91, 175, 176, 177, 178 e 179.

Nesses capítulos, foram selecionadas cenas em que as personagens Sol, Bruna, Kate e Jenifer evidenciaram os estereótipos de doméstica e mulata – descritos por Lélia Gonzalez (2020) – ou que romperam com essa dualidade. Para elucidar a discussão, utilizou-se fotogramas, pois “são um suporte fundamental para a reflexão, já que permite fixar algo movente, as imagens de um filme” (Penafria, 2009, p. 7).

Para melhor compreensão a análise está dividida pelos estereótipos pois como Gonzalez (2020) explica, a mulher negra vive na constante oscilação entre os estereótipos logo as personagens em alguns momentos estão no estereótipo de mulata e em outras cenas no de doméstica. Ademais, é necessária a divisão pois a personagem Jenifer é uma possibilidade de rompimento entre essa dualidade, logo cabe um tópico para discussão de cenas dessa personagem. É pertinente destacar que durante o processo de análise foram selecionadas

majoritariamente cenas da primeira semana, pois nesse momento o personagem tem suas características iniciais expostas e ao longo da trama o comportamento dessas figuras fictícias tende a mudar em vista que é necessário uma evolução, algo natural nos enredos. Além disso, na semana final os personagens estão em processo de finalização de suas jornadas, como as personagens escolhidas não são vilãs tendem a ter desfechos felizes. Logo as duas semanas posteriores protagonizam mais cenas de ruptura com os estereótipos.

4.2 ANÁLISE

De acordo com Gancho (2004), a personagem é um ser fictício responsável pelo desempenho da história. Em seu trabalho, a autora explica a classificação dos personagens, destacando a existência do protagonista, que pode ser herói ou anti-herói. O antagonista que se opõe ao protagonista, ou seja, o vilão e por último os personagens secundários que podem ser os ajudantes ou confidentes dos protagonistas e antagonistas.

Nesta configuração as personagens escolhidas se encaixam da seguinte maneira: Sol > protagonista; Jenifer > secundária; Bruna > secundária e Kate > secundária. Utilizando o trabalho Gancho (2004) como referência, as personagens apresentadas se enquadram na classificação de personagens redondos, e analisando as características que formam o personagem redondo é possível verificar nos seres fictícios os estereótipos de mulata e doméstica.

4.2.1 “DA COR DO PECADO”: A MULATICIDADE EM “VAI NA FÉ”

Em todos os capítulos analisados é possível perceber, um figurino, uma fala, um olhar algo que remete à objetificação e sexualização da mulher negra. Desde as primeiras cenas, as personagens passam por algum momento de assédio. Sol sofre com importunações desde a juventude, época em que foi vítima de estupro, até seus 40 anos de idade, enfrentando abusos também em seus ambientes de trabalho. Kate passa por alguns momentos semelhantes aos de sua “tia Sol” , entretanto, a maneira da personagem lidar com as ações dos outros perante sua forma de ser a agir a difere de Sol. As duas personagens protagonizam as cenas selecionadas para discutir a presença do estereótipo da mulata na novela.

FIGURA 3 - Sol sofre assédio enquanto trabalha, em “Vai na fé”, capítulo 1 (5'54").

FONTE: Reprodução/Globoplay

A Sol vende quentinhas no centro da cidade, junto de sua amiga Bruna. Era mais um dia de vendas. A personagem, por gostar de cantar e dançar, faz paródias de funks antigos sobre o cardápio do dia, para chamar a freguesia. Nessa cena, após concluir uma venda, Sol estava arrumando as marmitas no porta-malas do carro, quando um homem passou e a assediou. Diante da reação de Sol – que deixou claro seu descontentamento com o comentário – percebe-se um tom de conformismo, indicando que situações como essa são recorrentes no cotidiano da personagem. A trama mostra a protagonista sendo assediada nos primeiros cinco minutos da novela, evidenciando a triste proximidade com a realidade cotidiana das mulheres brasileiras.

No início da novela, Sol recebe a oportunidade de voltar a dançar e cantar, pois reencontra seu amigo dos bailes funks, Vitinho, que agora é produtor do cantor Lui Lorenzo. O artista está sem bailarina e o produtor, ao ver Sol, pergunta para a amiga se ela não quer uma chance de voltar aos palcos. Como a protagonista está passando por dificuldades em casa, acaba aceitando voltar aos holofotes. Entretanto, Sol não está livre do assédio ao migrar de profissão, logo no primeiro ensaio com o cantor já passa por um momento desagradavel.

FIGURA 4 - Sol sofre assédio no camarim de Lui Lorenzo, em “Vai na fé”, capítulo 1 (20'21").

FONTE: Reprodução/Globoplay

Nesta cena Solange estava procurando pelo banheiro do teatro e como ninguém explicou corretamente onde ficava, Sol confunde as portas e entra no camarim de Lui. A bailarina pediu desculpas e já estava de saída, mas o cantor pede para que Sol fique e fala para ela que pode usar o banheiro do camarim. Lui está somente de toalha e começa a falar para Sol que notou o interesse dela nele nos ensaios e sugere que Sol fique com ele no camarim. A personagem não gosta do convite de Lui, e explica que ele deve ter se confundido, pois é casada e não possui interesse em ter alguma relação com o cantor além da profissional.

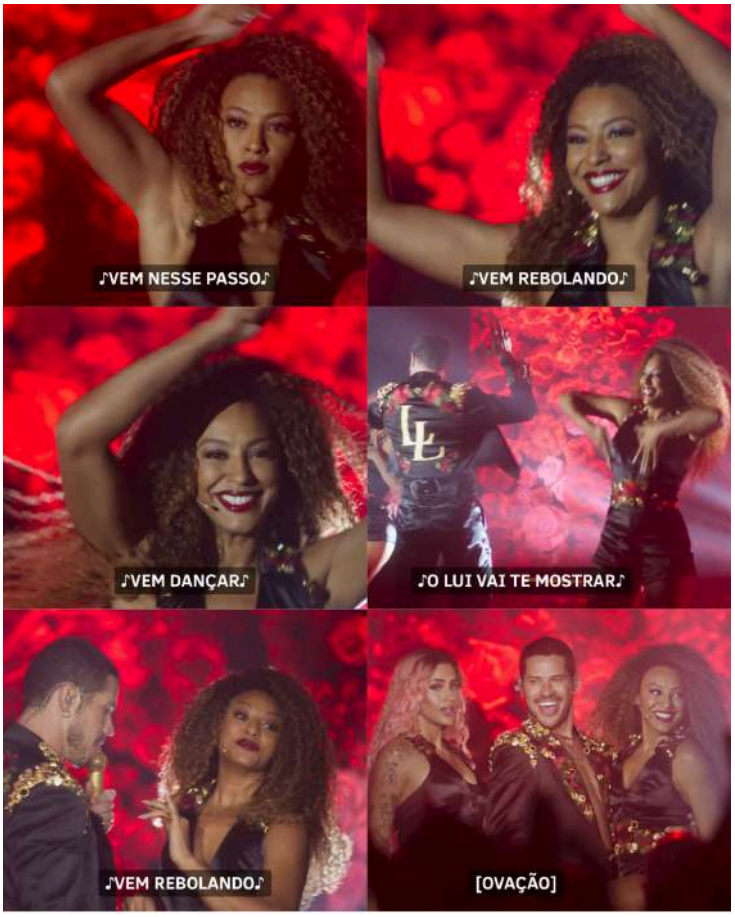
Novamente Sol recebe “cantadas” em seu ambiente de trabalho, mas dessa vez em uma situação recorrente que é quando a importunação parte do chefe. Nas cenas que antecedem a esta, Sol não dá nenhum indicativo de interesse no cantor, os dois não possuem ao menos diálogos antes disso. Entretanto, a personagem possui a coisa mais essencial para sofrer com essas confusões na relação de “chefe e funcionária”, a cor.

No passado alegavam que as mucamas, tinham relação consensual com seus senhores que existia um certo tipo de relacionamento. Tudo deixa uma marca, e cenas como

essas reforçam como ainda é enraizado esse tipo de comportamento e essa expectativa da mulher negra querer ter algo com seu superior, pois eles veem os “sinais” da mulata.

Nas duas cenas Solange estava apenas trabalhando, os comentários e insinuações tanto de um estranho enquanto vendia suas quentinhas ou do seu chefe em um dia de ensaio partiram da imaginação deles. Infelizmente é o retrato de qualquer mulher negra em seu cotidiano, tentando viver sua vida normalmente, mas que sofre as consequências de um país que teve 388 anos de escravidão, que resulta no imaginário masculino uma relação de posse do corpo da mulher negra.

FIGURA 5 - O retorno de Sol aos palcos, como dançarina de Lui, em “Vai na fé”, capítulo 2 (20'55").



FONTE: Reprodução/Globoplay

A Sol releva o que aconteceu no camarim de Lui e foca no cachê que vai ajudar nas despesas da casa e na oportunidade de voltar a dançar. No show, Solange é um sucesso apesar do nervosismo. Nesse momento é possível enxergar o estereótipo de mulata explicitamente na protagonista, as roupas curtas e decotadas e a maquiagem forte contribuem para o enquadramento no estereótipo. Além disso, há uma mudança no semblante e postura da personagem , o descontentamento e desânimo são trocados por simpatia e entusiasmo.

Afinal, Sol sempre gostou dos palcos e reviver esse momento para ela foi significante. Analisando a cena é possível notar a diferença de posicionamento da personagem que nas cenas anteriores parecia ser um elemento complementar, nesta cena Solange é protagonista de tudo que ocorre no momento.

Através desses primeiros fotogramas, é possível enxergar no figurino de Sol, uma relação com o que González (2020) explica sobre os estereótipos de mulata e doméstica, pois no cotidiano a caracterização de Sol se enquadra no estereótipo de doméstica ocupando seu "lugar natural", talvez por isso Solange pareça ser complementar nas cenas anteriores, e quando sobe ao palco seu figurino e postura condiz com a mulata de exportação.

FIGURA 6 - Sol é pega saindo escondido de casa para ir ao baile funk, em "Vai na fé", capítulo 2 (20'23").

FONTE: Reprodução/Globoplay

Ainda abordando sobre a protagonista cabe citar sobre os flashbacks entre presente (2023) e passado (início dos anos 2000) que ambientam o telespectador sobre as escolhas de Sol. Apesar de já ter 20 anos, Sol, nessa cena, está saindo pela janela do banheiro para ir a um baile funk. Ao fazer barulho, acaba sendo descoberta. Seus pais, evangélicos e conservadores, ao flagrarem a filha fugindo, a advertem e se assustam com suas vestimentas e a tatuagem no cóccix.

No auge da sua juventude, a Sol jovem consegue exemplificar o estereótipo de mulata, pela postura e figurino. Diferente da mulher preocupada com as finanças e bem-estar da família, a jovem Sol era uma menina alegre e sua preocupação era se divertir, mesmo que corresse riscos. O figurino de Sol é repleto de acessórios e brilhos. É a personificação da moda dos anos 2000 e ainda com um tom mais juvenil, o conceito da caracterização lembra a Bebel de “Paraíso Tropical”.

No desenrolar da novela, diante de tudo que passou, Sol julga a garota que foi e em toda oportunidade fala que era uma “sem juízo” que só pensava nela mesma. Entretanto, essa é a opinião da personagem, para o telespectador, principalmente mulheres, fica evidente que a Sol só era uma menina jovem que queria curtir, dançar, aproveitar o momento com seus amigos e também viver suas paixões.

A postura da Sol jovem é similar a de algumas personagens que já tiveram nesse lugar de mulata, pois raramente cabe a esses seres fictícios uma complacência com os demais, geralmente são mulheres de personalidade forte e atitude e essa jovem Sol era assim.

FIGURA 7 - Théo comentando com os amigos como deve estar a Sol, em “Vai na fé”, capítulo 1 (14'46").

FONTE: Reprodução/Globoplay (2024)

Embora a análise seja sobre as mulheres em momentos de dualidade entre os estereótipos, se faz pertinente trazer esse fotograma para a discussão. Essa cena é a comemoração do aniversário da Lumiar, mulher de Benjamin. Em determinado momento relembram da juventude e que o Ben fazia Théo e Simas atravessarem a cidade para irem aos bailes funks, é importante frisar que os três amigos eram da classe média alta, iam para esses bailes porque Benjamin acreditava que para ser um bom advogado e ajudar a pessoas era preciso conhecê-las.

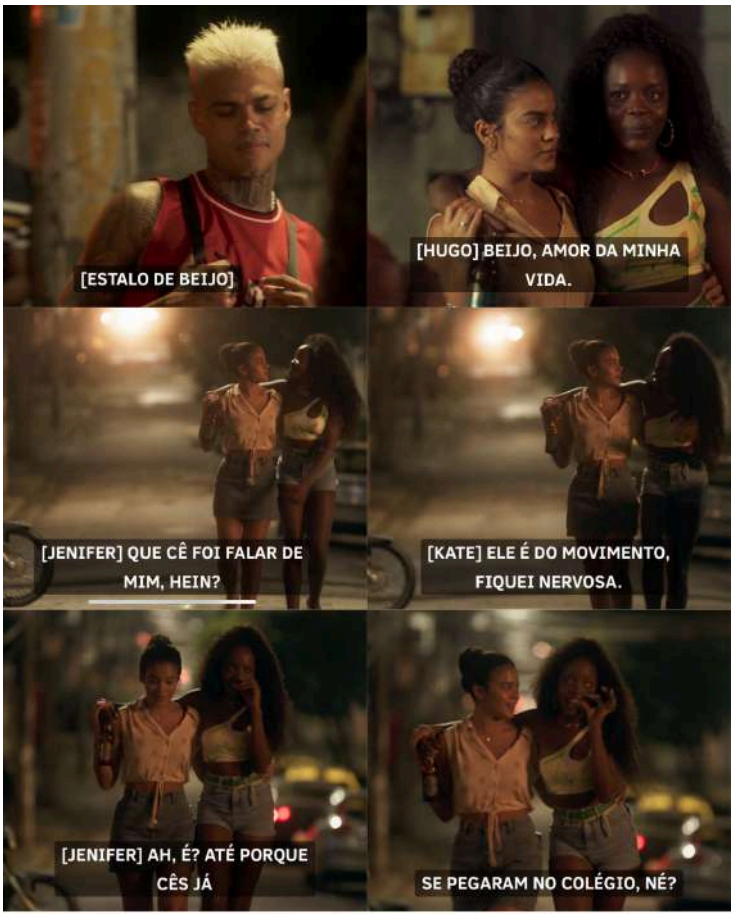
Quando Simas indaga ao grupo como estaria hoje em dia a "princesinha do baile", Théo - que a abusou na época - responde prevendo um futuro onde Sol ficou feia e teve muitos filhos. Afinal, uma jovem bonita, preta, que frequenta esse tipo de baile? A ela somente resta esse final. Explorando mais essa cena e relacionando com os conceitos já abordados, a suposição de Théo, mostra a percepção das pessoas diante da mulher jovem preta, ainda mais se existe um comportamento próximo à idealização da mulata.

A Sol, para Théo, iria ficar feia e ter muitos filhos, algo similar às mucamas que serviam seus senhores e tinham seus filhos, fruto dos abusos que sofriam. É recorrente na sociedade essa predestinação à pessoa preta. Um jovem negro que curte a moda da periferia vai ser ou já é um marginal e a moça negra que dança e vai a bailes logo terá muitos filhos e ficará feia.

Em continuidade a exposição de alguns momentos em que as personagens se enquadram ou demonstram aspectos do estereótipo mulata, é fundamental trazer algumas cenas de Kate, a filha de Bruna, pois a personagem pode representar a modernização da "mulata", ou ainda de forma mais esperançosa, pode ser lida como uma personagem que marca a transição de uma nova forma de representar a garota negra.

Seria uma atualização da mulata ou uma figura de transição para novas representações porque ainda que Kate possua diversos elementos do estereótipo de mulata, que serão explorados, em determinadas cenas a personagem consegue representar o cotidiano de uma jovem preta de forma leve e descontraída.

FIGURA 8 - Kate e Jennifer são abordadas por Hugo, em “Vai na fé”, capítulo 1 (10'13").



FONTE: Reprodução/ Globoplay

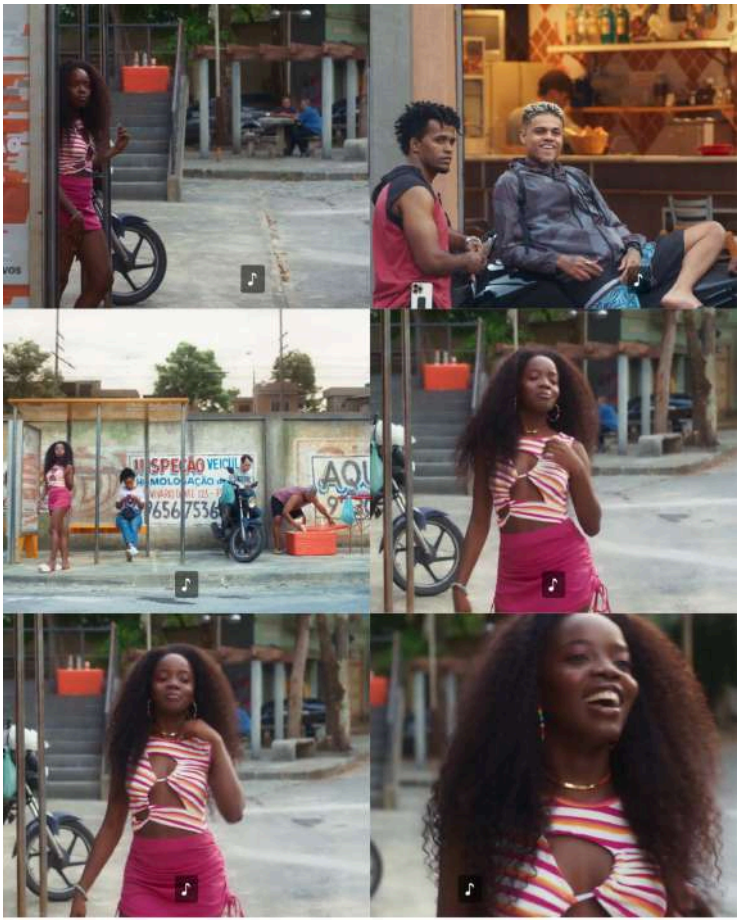
No primeiro capítulo, Kate e Jennifer estão voltando da festa de formatura juntas e acabam encontrando Hugo, colega de classe, com quem Kate já teve um envolvimento amoroso. O rapaz terminou os estudos, mas seguiu os passos do seu único familiar, o tio Orfeu, que é um bandido. Na trama, quando Kate e Jenifer são colocadas juntas fica evidente o estereótipo de mulata em Kate, visto que as duas são completamente diferentes.

Nesta cena, Hugo está conversando com Kate e finaliza o diálogo mandando beijo e a chamando de “amor da minha vida”, pois está flertando com a personagem. Na conversa, Kate comenta que Jennifer vai estudar Direito e a mesma fica incomodada de ser mencionada, pois não gosta da ideia de ter algum tipo de contato com Hugo visto que ele é do “movimento”. Ainda que de forma sutil, essa cena já elucida as diferenças entre as duas amigas e como Kate pode representar a “mulata” nesse momento inicial da trama. Primeiramente pela caracterização que é contrastante entre as duas. A Kate está com um penteado no cabelo que o deixa mais solto, faz uso de acessórios mais chamativos, suas roupas são mais curtas e ainda está com uma cerveja na mão que trouxe da festa.

Logo a personagem passa uma imagem mais divertida e comum dos jovens, as características mencionadas até passariam despercebidas ou sem grande importância se não tivesse a presença de Jennifer na cena que permite enxergar o contraste, seja pelo figurino ou comportamento. A amiga evangélica de coque no cabelo, roupas mais compridas e discretas evidencia a discrepância entre as duas, mostrando que Kate representa ou se aproxima mais do estereótipo de mulata.

O fotograma a seguir não possui fala mas é pertinente para enxergar o estereótipo na personagem Kate.

FIGURA 9 - Kate no ponto de ônibus, em “Vai na fé”, capítulo 3 (23'17").



FONTE**:** Disponível no Globoplay (2024)

Embora não possua diálogo, esse conjunto de fotogramas consegue elucidar alguns aspectos do estereótipo de mulata na Kate. Para melhor compreensão, cabe explicar o contexto da cena. Nesse momento Kate encontrou sua amiga Jenifer no ponto de ônibus e parou no ponto para contar as novidades a sua amiga. Assim que seu ônibus chega, Jenifer embarca, então Kate fica sozinha no ponto e percebe que do outro lado Hugo e seus amigos

estão olhando para ela. Após perceber que está sendo observada, Kate dá uma rápida olhada para Hugo e sai do ponto em direção a sua casa.

Nesse caso, é importante perceber a ambientação, os figurantes, o figurino e o comportamento de Kate. Esse tipo de cena é recorrente na história de personagens que se enquadram no estereótipo de mulata. Ao ver Kate "desfilando" é possível lembrar as caminhadas de Bebel nas avenidas em "Paraíso Tropical", pois são em cenas assim que exploram elemento fundamental desse tipo de personagem: a sensualidade.

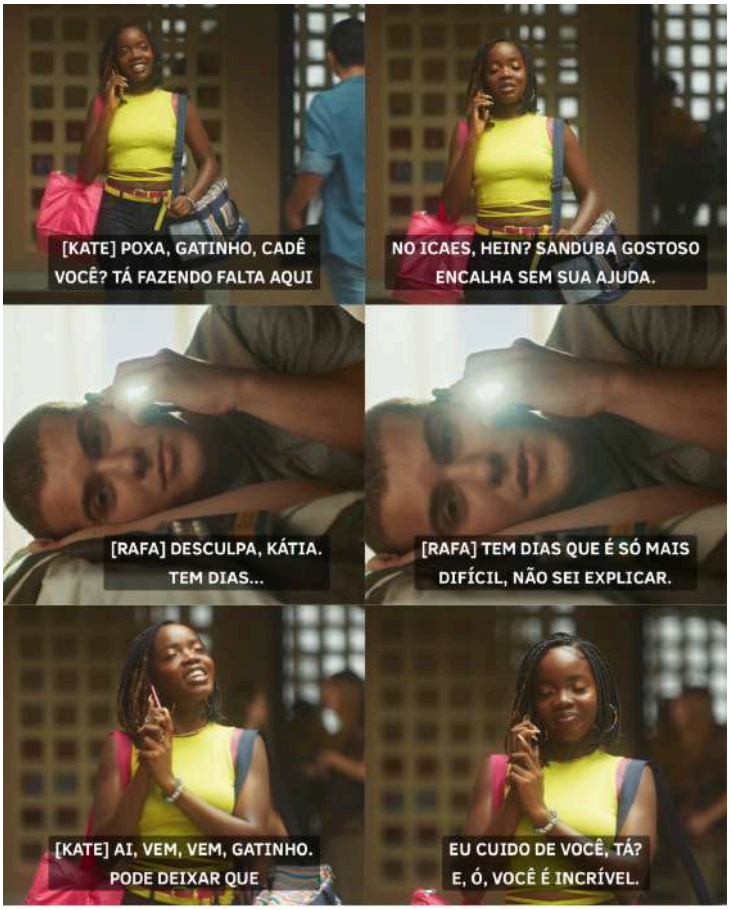
Em primeiro lugar, o ambiente da cena é um ponto de ônibus, lugar frequentado, geralmente, por pessoas de classes mais baixas. No ponto tem uma mulher e ao lado dois homens trabalhando, aparentemente um é entregador e o outro ambulante, reforçando a posição social que Kate se encontra. O figurino de Kate é um cropped, saia curta, de cores vibrantes, e acessórios chamativos. A personagem também continua com o cabelo solto.

Novamente a composição da cena coloca uma figura para contrastar com a personagem, no caso, a figurante, que usa uma camiseta larga, calça jeans e cabelo preso, logo Kate se destaca na cena. Após comentar sobre o ambiente e o figurino cabe destacar outro ponto importante que é o possível envolvimento entre Kate e Hugo, pois é recorrente a personagem mulata ter como par romântico alguém envolvido com criminalidade ou de caráter duvidoso.

Portanto, analisando o conjunto de elementos que constroem a cena fica evidente uma performance de mulaticidade em Kate, pois além do ambiente, do figurino e do possível envolvimento amoroso, Kate explora a sensualidade quando percebe estar sendo observada. Essa característica é a mais explícita em personagens mulatas, ademais é a combinação dos elementos mencionados que resultam em personagens fazendo cenas como essa.

Após expor cenas dos capítulos iniciais, momento em Kate estava mais no lugar de mulata, é necessário pontuar cenas do desenvolvimento da novela que evidenciam o que foi mencionado no começo da análise da personagem. A possibilidade de Kate ser a versão atualizada de personagens "mulatas" ou uma personagem transitória para novas formas de representar mulheres negras.

FIGURA 10 - Kate ligando para Rafa pois sentiu falta dele no ICAES, em “Vai na fé”, capítulo 89 (20'57").



FONTE: Reprodução/Globoplay (2024)

Nesta cena Kate está na faculdade de Jenifer (ICAES), que é o local de trabalho de Kate, pois a personagem passou a vender lanches no horário de almoço. O seu novo par romântico é Rafael, filho único de Théo e Clara, ele tem depressão e ansiedade. O relacionamento de Kate e Rafael marca um certo amadurecimento de Kate e sua forma de lidar com relacionamentos.

No conjunto de fotogramas, Kate está sentindo falta de Rafael na faculdade para ajudá-la nas vendas dos sanduíches, ele explica que não está bem, mas após a ligação de Kate acaba indo. O que mudou e permaneceu em Kate ao longo da trama? É possível notar a mudança de cenário, agora Kate transita na faculdade, entretanto está em posição subalterna aos demais, pois ela não é estudante como eles e sim vendedora de sanduíches. O figurino de Kate também não sofreu mudanças em sua essência, ainda que nessa cena ela esteja de calça, o cropped, os acessórios, maquiagem e cabelos continuam coloridos e chamativos.

É possível destacar de mudança e distanciamento da mulaticidade a relação de Kate com Rafael, ela é compreensiva com ele e tem um interesse genuíno no rapaz. Nesse relacionamento, Kate, mostra seu lado mais humano, a personagem começa a viver um

romance com Rafa, diferente dos seus outros relacionamentos na novela que eram mais casuais e ligados a algum interesse. Portanto, é algo muito importante para a representação das mulheres negras, pois mostram que uma jovem mulher negra pode amar e ser amada romanticamente e não ser somente um corpo sexualizado.

FIGURA 11 - Kate conhece Clara, mãe de Rafael, em "Vai na fé", capítulo 87 (00'14").

FONTE: Reprodução/Globoplay

Nesse momento, Kate passou por uma experiência comum para mulheres negras, mas não o comum de ser algo normal de acontecer, pois não é, e sim comum pela frequência que ocorre. Como Kate e Rafael estão em um relacionamento, Rafa convida Kate para ir até sua casa conhecer sua mãe, Clara. Assim que são apresentadas, Clara coloca a mão no cabelo de Kate e pergunta se é dela. A resposta de Kate corrige a mãe de Rafael de maneira educada e didática. Essa cena é um exemplo de representação, pois expõe uma situação que pessoas negras passam mas ao mesmo tempo não coloca o negro na postura de mentor.

A devolutiva de Kate, que é feita com leveza e ao mesmo tempo com autoridade, serve de lição para pessoas brancas e ao mesmo tempo gera o sentimento de identificação nas pessoas negras, tudo isso alinhado ao tom de uma novela das 19h. Kate pode se aproximar da representação da mulaticidade, pois sua caracterização inclui muitos elementos associados ao estereótipo de mulata. No entanto, sua postura e inteligência a tornam uma personagem

completa e multifacetada, dificilmente limitada a um estereótipo. Suas falas e seu desenvolvimento na novela não permitem que isso ocorra. Ademais, Sol também é uma personagem redonda, logo assim como Kate não se limita a estereótipos, por isso o presente estudo avalia cenas em que as personagens evidenciam que ainda há a presença dos estereótipos e não que a personagem é o estereótipo.

O próximo tópico irá tratar sobre outro lugar que é dado a mulher negra e que Gonzalez (2020) discorre em seus estudos, que é o estereótipo de doméstica.

4.2.2 “EMPREGUETES”: O ESTEREÓTIPO DE DOMÉSTICA EM “VAI NA FÉ”

Para analisar a presença do estereótipo de doméstica em “Vai na Fé” é necessário fazer algumas observações a respeito deste. No breve histórico apresentado, as domésticas aparecem em lugar de servidão à famílias brancas, eram em sua maioria literalmente empregadas domésticas ou faxineiras como a Dalva de “O Clone” (2001), a Rose de “Cama de gato” (2009) ou a Penha de “Cheias de Charme” (2012). Entre essas três personagens há diferenças, Dalva performa mais diretamente no estereótipo de doméstica, é possível enxergar nela a mammie que Araújo (2021) cita ao falar da representação da mulher negra nos anos 60.

Além disso, também é possível identificar, de forma mais moderna, o estereótipo na Rose e na Penha, elas carregam a responsabilidade de servir e resolver não apenas os problemas dos seus patrões como também os de suas próprias famílias, as duas são as provedoras de seus lares. Essas personagens evidenciam uma atualização do estereótipo doméstica pois nas tramas elas não vivem apenas para os seus empregos, entretanto vivem exauridas por terem que conciliar a exaustiva jornada de trabalho com o gerenciamento das suas casas.

Ademais, as duas também exemplificam o que González (2020) explica sobre a oscilação entre os estereótipos de doméstica e mulata, afinal Rose e Penha são protagonistas. A Rose conquista o coração do mocinho e Penha de empregada doméstica passa a ser artista. Trazer de volta esses conceitos se faz pertinente ao analisar as cenas selecionadas, pois Sol e Bruna protagonizam momentos que resgatam a presença do estereótipo de doméstica de forma mais interna, que faz necessário estar atento aos aspectos citados para enxergar.

FIGURA 12 - Sol e Bruna escondidas dos fiscais, em “Vai na fé”, capítulo 1 (07'54").

FONTE: Reprodução/Globoplay

A Sol e Bruna possuem uma amizade de longa data, juntas construíram um negócio, vendem marmitas em um ponto movimentado do Rio de Janeiro. A mãe de Sol, dona Marlene, produz os alimentos e a dupla sai todo dia para vender. Como a Sol sempre amou cantar e dançar, aproveita a oportunidade de chamar a freguesia cantando. Nessa cena do primeiro capítulo a novela já mostra a realidade das duas mulheres que sustentam suas famílias, através de um negócio ilegal, pois as duas vendem as quentinhas na rua e não possuem permissão para isso.

O conjunto de fotogramas mostra como as duas lidam com a fiscalização, no momento anterior a esse, outros ambulantes também irregulares ficam em alerta para ver quando os fiscais estão vindo assim alertam uns aos outros. A estratégia das duas para não serem pegas é guardarem tudo no carro de Bruna (o automóvel vinho do primeiro fotograma) e se distanciar do ponto de venda assim os fiscais não têm como multar. Pelo semblante das duas e a fala de Bruna, é claro o descontentamento de ter que passar por essa situação diariamente. Entretanto, se submetem a viver assim pois é a alternativa que acharam para ter

renda na família, é importante frisar que Bruna é mãe solo e Sol assumiu as despesas da casa pois seu marido não consegue arrumar emprego desde a pandemia.

Muitas mulheres pretas também passam por essa situação de insegurança em relação ao emprego, mas também continuam se submetendo a trabalhar dessa forma pois não possuem outra alternativa para manter suas famílias. Fica evidente a presença do estereótipo de doméstica nesta cena pois colocam duas mulheres pretas em seu "lugar natural" como conceitua Gonzalez (2020), que é ocupar trabalhos como este. Outro detalhe importante é que a exibição dessa cena é nos dez minutos iniciais do primeiro capítulo, dentro dos 40min do episódio é mostrado dois dias de trabalho delas, ou seja, o cenário que as duas mais protagonizam diálogos é nesse ambiente de trabalho vendendo quentinhas, pensando em suas famílias e planejado o próximo dia de vendas.

O último aspecto dessa cena a ser discutido é mais uma característica que pode mostrar a atualização da personagem que performa próximo do estereótipo de doméstica, que é a esperança nos filhos. Por exemplo, a Penha de "Cheias de Charme" trabalhava de empregada doméstica e arcava com as despesas da sua família incluindo o seu irmão mais novo Sandro que também estudava Direito, era feito esse "sacrifício" para poder deixar seu irmão estudando com a esperança de ele mudar a realidade da família.

A mesma coisa acontece em "Vai na Fé" apesar de estarem aflitas com a fiscalização verificando o carro de Bruna, Sol consola a amiga falando que Jenifer vai legalizar o negócio e a Bruna já muda o semblante comentando com tom de surpresa e reflexão ao imaginar sua afilhada se tornar advogada e neste momento da trama Jenifer não tinha sequer começado a faculdade somente estava matriculada. Quantas mulheres pretas também vivem em empregos precários mas continuam indo, pois acreditam que os filhos, através do estudo, vão proporcionar uma vida melhor para a família? Será tratado mais à frente na análise sobre a personagem Jenifer, por enquanto o enfoque é estereótipo de doméstica.

FIGURA 13 - Sol e Bruna discutindo o que vão fazer com as marmitas, em “Vai na fé”, capítulo 1 (32'39").

FONTE: Reprodução/Globoplay

Essa cena retrata a rotina das duas amigas e a insegurança de não ter muitas vendas no dia. A Sol termina de atender uma cliente e vai perguntar a Bruna como está a quantidade de marmita. A amiga responde, desanimada, que irá sobrar algumas. Solange propõe que elas levem algumas para o jantar e que distribuam o que sobrar para pessoas em situação de rua. Bruna sugere que elas vendam as quentinhas no dia seguinte, mas Sol já alerta o risco de perderem os clientes por venderem algo que pode trazer riscos aos negócios delas.

A cena se faz necessária na análise para elucidar a dinâmica de trabalho delas, as duas decidem tudo juntas e nesse diálogo demonstram o que foi citado acima sobre gerenciar trabalho e família. A Sol, ao mencionar levar algumas marmitas para o jantar, resolve duas questões de uma só vez: garante a refeição da família já pronta, poupando tempo no preparo, e evita o desperdício de comida.

Ao longo da trama em diversos momentos vai mostrar essa postura de Sol de lidar com os problemas do trabalho e família, afinal quem decide tudo é ela por mais que possua sua mãe de rede de apoio, Sol ainda sente uma sobrecarga que a personagem vai demonstrar

em outras cenas. A personagem no estereótipo doméstica vive um constante “equilibrar pratos” pois tudo recai sobre ela. Nas novelas atuais, as personagens “domésticas” não estão vivendo somente para os patrões, mas estão exaustas tentando conciliar as duas demandas.

FIGURA 14 -Bruna chegando com as compras na casa de Sol, em “Vai na fé”, capítulo 2 (24'24").

FONTE: Reprodução/Globoplay

O conjunto de fotogramas é do capítulo onde a Sol aceitou ser dançarina por um dia de Lui Lorenzo. Nesta cena Bruna foi até a casa de sua amiga levar as compras de mercado para a produção das quentinhas, ela entrega tudo para Dona Marlene inclusive o lucro do dia de vendas, Bruna, está com pressa pois vai ao show de Lui Lorenzo prestigiar a amiga.

Alguns aspectos desta cena são pertinentes para discussão. A Bruna e a Dona Marlene estão mais próximas do estereótipo de doméstica e já é notável no primeiro momento: a Bruna chega com as compras do mercado, com o figurino semelhante ao que usa no dia a dia para trabalhar, a dona Marlene, ao ver Bruna pede as sacolas de mercado para colocar os alimentos na geladeira. As duas, semelhantes a Sol, na maioria das cenas demonstram um tom de preocupação com a casa, família e despesas.

Ao analisar essa cena, a diferença entre os estereótipos está presente, ainda que de forma sutil. A caracterização e postura de Bruna e dona Marlene são totalmente destoantes da de Kate. É claro, que a idade e responsabilidades influenciam na caracterização das personagens mas ainda sim é preciso ser mencionado esse aspecto pois ele é fundamental para comunicar ao telespectador a identidade daquele personagem.

Enquanto as duas mulheres mais velhas usam roupas com tons mais neutros e estão falando sobre as vendas e produção das quentinhas, Kate veste roupas coloridas e curtas, e aguarda o fim do diálogo entre sua mãe e dona Marlene, mexendo no celular. Isto evidencia o que foi comentado na análise de mulata, da diferença de postura entre a Sol jovem e a de 40 anos. Bruna e dona Marlene ocupam o lugar da doméstica, marcado pela preocupação, enquanto Kate assume o papel relacionado ao estereótipo da mulata, esperando o fim da conversa para ir ao show com a mãe.

FIGURA 15 - Sol conversando sobre seu novo emprego com dona Marlene, em “Vai na fé”, capítulo 4 (18'41").

FONTE: Reprodução/Globoplay

Nesse momento da novela, ainda na primeira semana, Solange aceitou a proposta de Lui Lorenzo de ser sua dançarina e backing vocal fixa. A cena mostra a Sol fazendo tarefas domésticas junto de sua mãe após um dia de ensaio. A Sol contempla nessa cena todos aspectos mencionados anteriormente. Primeiro que a personagem está dobrando roupas, logo realizando serviços de sua casa, outro ponto é o diálogo desta cena.

A Sol percebe o olhar de desaprovação de dona Marlene para ela, então já começa a falar sobre os pontos positivos do novo emprego. Como conseguiu pagar as contas que estavam atrasadas e ainda chegou mais cedo em casa. Então dona Marlene que não apoia o novo trabalho de Sol, comenta o fato dela ter chegado no carro do patrão. Mesmo com Sol explicando que foi uma gentileza de Lui ao saber que ela não tinha dinheiro para pegar condução, dona Marlene não aprova a atitude da filha.

Na cena fica evidente a dupla jornada de trabalho de Sol e sua responsabilidade com as despesas de casa. Ainda que a personagem se desdobra para dar conta de tudo, Solange ainda enfrenta o julgamento de sua mãe, que tem receio da filha ser dançarina, pois lembra a ela a juventude de Sol, período que desagrada a dona Marlene recordar. A Sol de 40 anos, responsável pela família, na maioria do tempo no estereótipo de doméstica, passa a vida lidando com as consequências e julgamentos do seu tempo de “mulata".

FIGURA 16 - Bruna avisando a Benjamin que já consertou o banheiro, em “Vai na fé”, capítulo 175 (35'59").

FONTE: Reprodução/Globoplay

Na fase final da novela Benjamin está morando em um quartinho na casa de Bruna para ficar mais próximo de Jennifer, visto que independente do resultado do DNA, assumiria a

paternidade de Jenifer. Nesta cena, Sol e Benjamin acabam de chegar na casa de Bruna e não percebem que a mesma está residência. Bruna ao ver o casal brinca com eles e avisa Benjamin que já havia solucionado o problema do banheiro e que já poderia usar.

O conjunto agrega a discussão por demonstrar mais a personagem Bruna visto que na maioria das outras cenas quem tem mais destaque é a Sol justamente por ser a protagonista, e a Bruna coadjuvante. Essa cena serve para reforçar como a Bruna performa no estereótipo de doméstica. A começar que o quarto é para o Benjamin, advogado, serviços como esses de consertar banheiro geralmente são colocados homens para resolver, mas nesse caso é Bruna quem resolve pois Benjamin ao longo da trama em momento algum realiza serviços que não sejam relacionados a sua profissão. Novamente a questão das personagens no estereótipo de doméstica terem que dar conta de tudo.

Outro ponto é que essa cena diferente das anteriores não são da primeira semana e sim da última, período da novela em que as histórias são concluídas. É pertinente destacar que no capítulo 175, a Bruna ainda passa por cenas que demonstram o estereótipo de doméstica. A personagem já mudou muitas coisas na sua vida, por exemplo, ela e a Dona Marlene gerenciam um restaurante não vendem mais quentinhas no centro da cidade, Bruna também vive um relacionamento saudável com Jairo, segurança de Lui Lorenzo, então houve uma evolução na personagem, porém mesmo sendo proprietária de restaurante, vivendo um novo relacionamento, Bruna ainda consertou o banheiro de casa para seu hóspede Benjamin.

Portanto, embora Bruna esteja em um bom momento da sua vida financeira e pessoal, suas responsabilidades não diminuíram; pelo contrário, aumentaram, logo vai de encontro com o ponto crucial do estereótipo de doméstica que é dar conta de tudo. As próximas cenas exploram quando as personagens, que performam no estereótipo de doméstica, chegam ao estopim de viver na tensão de conseguir cumprir com todas as responsabilidades.

FIGURA 17 - Sol chorando com sua mãe depois de ter visto seu clipe, em “Vai na fé”, capítulo 176 (37'17").

FONTE: Reprodução/Globoplay

O conjunto de fotograma é da semana final da trama. Nessa construção do desfecho da novela, Sol está começando sua carreira de artista e esse desabafo da personagem é depois de ir ao evento de lançamento do seu primeiro clipe. A frustração e tristeza de Sol é por causa do clipe, o produtor queria que Sol fizesse cenas mais sensuais e ela não queria visto que sua música era romântica e para ela não fazia sentido ter cenas assim nem para a música e nem para o estilo dela, pois a Sol inda era uma mulher cristã e ela não se sentiria bem fazendo cenas assim. O produtor usou uma dublê para fazer as tais cenas e as colocou no clipe. Na hora da exibição, Sol ficou em choque e magoada por terem feito isso com ela, foi uma quebra de expectativa e de confiança de começar sua carreira.

Após expor o contexto, é preciso ressaltar a importância desse diálogo, a Sol aos prantos falando que está cansada de tudo, e a mãe consolando explicando que entende a filha e clamando a Deus quando essas “guerreiras” vão descansar e nisso Sol desaba e fala que não

quer ser guerreira. Aqui está uma fala importante, o desgaste de ocupar o lugar de “doméstica” e ter que resolver tudo. Nessa cena, Sol retrata muitas mulheres negras que também cresceram com uma dona Marlene falando de lutar pra conseguir as coisas de ser guerreira de sempre ter que estar dois passos à frente para poder sobreviver.

Entretanto uma hora cansa de não ter a opção a não a de guerreira, muitas vezes, essa palavra é utilizada como elogio para mulheres negras, “minha mãe foi muito batalhadora” “a avó foi guerreira para criar sozinha os meus tios” mas como seria a vida dessas mulheres se não tivessem sido guerreiras?A elas não havia opção e atualmente quantas ainda vivem nessa situação de ter que ser guerreira.

Diferente dos exemplos de “doméstica” no histórico de personagens, em “Vai na fé” é exposto o lado humano dessas “guerreiras”. Então ainda que em lugar dolorido, que é o lugar de exaustão, é possível enxergar uma possibilidade de mudança na representação da mulher negra pois, a partir do momento que são mostradas as emoções e dilemas do personagem já não cabe mais dentro estereótipo porque foi admitido que é um ser humano, no caso, um personagem redondo, cuja figura já não cumpre apenas uma função e sim revela aspectos da vida para o telespectador

FIGURA 18 - Sol desabafando com Lui sobre quem ela é de verdade, em “Vai na fé”, capítulo 177 (01'10").

FONTE: Reprodução/Globoplay

O último conjunto de fotogramas traz o forte desabafo de Solange. Nesse momento, o Lui Lorenzo, foi até sua casa, pois soube do ocorrido com o clipe e que Sol já queria desistir de sua carreira. O cantor pop vai até sua ex-bailarina e namorada, para encorajá-la a continuar sendo artista pois sabe do potencial dela. Após Lui Lorenzo conversar com Sol e perguntar se ela deixaria o produtor ditar quem era ela, Sol faz esse discurso dos fotogramas.

Nessa cena é possível enxergar uma retrospectiva da vida de Sol e como ela foi "guerreira" na sua vida. Quando ela vai citando cada fase de sua vida, é notável como cada uma foi desafiante e ela persistiu. A Sol começa falando o seu nome completo, mostrando sua identidade que ela é mais do que qualquer coisa que já lhe foi atribuída. Ela continua o discurso reafirmando sua fé e citando suas filhas, Solange sempre deixou explícito a sua fé em Deus mesmo em momentos difíceis e se persistiu nas coisas foi porque queria o melhor para sua filha. Na sequência fala que já foi princesinha do baile, fase que estava nos palcos dos bailes, já vendeu quentinhas e sobreviveu ao pesadelo.

É preciso relembrar que Sol foi vítima de um estrupo, e depois teve que conviver com Theo pois o mesmo ainda solicitou exame de DNA, como forma de mais uma vez fazer mal a Sol, quando ela fala que sobreviveu a um pesadelo é isso, sofrer um estrupo e ter que voltar a ver o estuprador. A Sol finaliza o discurso alegando novamente que está cansada de lutar mas continua persistindo e que está gritando para ser ouvida. Essa parte final revela outro ponto da mulher negra, ou no caso, a personagem negra que performa no estereótipo de doméstica: a invisibilidade. Quando Sol diz que está gritando para ser ouvida, evidencia que já não enxergam suas dores, e falando também não ouvida, em desespero é preciso gritar para vejam quem é Solange Silva Carvalho. Em complemento ao fotograma anterior, Sol representa nessa cena o lado da "doméstica" não visto, suas emoções, descontentamentos e também revolta se é necessário gritar para que escutem ela irá fazer isso.

Por fim, a novela mostra alguns momentos em que as personagens performam no estereótipo de doméstica. Quando é dado às personagens negras trabalhos subalternos, quando a ela é colocado todas responsabilidades da família, quando a maior parte das cenas que protagonizam são em ambiente de trabalho ou trabalhando em casa, tudo isso reforça o estereótipo de doméstica. Entretanto, a partir do momento que as personagens negras possuem espaço para contestar e expressar seu descontentamento ao lugar que é imposto a elas, é possível enxergar uma evolução, ainda que pequena, pois se já possuem lugar para debater e contestar existe a possibilidade de mudança.

Ao mencionar sobre a esperança de novas formas de representar a mulher negra na telenovela, cabe discutir algumas cenas protagonizadas pela filha de Sol, Jennifer, para discutir se ela rompe com essa dualidade de estereótipos.

4.2.3 “VAI NA FÉ”: NOVAS POSSIBILIDADES PARA A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA

Além das personagens que performaram dentro dos estereótipos mulata e doméstica, ainda cabe discorrer sobre algumas cenas que a Jennifer, filha de Sol, protagonizou na novela. Na trama a jovem garota acaba de ingressar em uma faculdade particular. Ao ter colegas com realidade completamente diferente da dela, e ser uma menina que sempre se dedicou aos estudos, para além do ensino médio, algumas atitudes e opiniões de Jennifer parecem romper com o enquadramento pré-disposto a mulheres negras. Por isso se faz pertinente que a Jenifer esteja na discussão da análise.

FIGURA 19 -Sol conversando com Jenifer, em “Vai na fé”, capítulo 1 (17'01").

FONTE: Reprodução/Globoplay

No primeiro capítulo Jennifer está se preparando para começar a faculdade. Nesta cena a Sol foi até o quarto da filha para conversar com ela. A Jennifer tinha chegado tarde em casa porque estava numa confraternização da sua turma do ensino médio e o seu pai Carlão não gostou do horário que ela chegou e a advertiu, como Jenifer rebateu o pai, os dois acabaram discutindo.

O momento que está nos fotogramas é quando Sol já conversou com a Jenifer sobre o ocorrido e também já aconselhou ela sobre o tipo de gente que ela vai conviver no ICAES. É importante destacar que essas ressalvas que Sol faz a Jennifer se deve à sua preocupação sobre o que viveu no passado pois Benjamin e Théo eram estudantes do ICAES.

Ao começar a análise a respeito de Jennifer é notável a boa relação que possui com sua mãe, e como Sol respeita as opiniões e sentimentos da filha. Uma relação assim ainda não tinha aparecido, pois Sol e sua mãe na juventude viviam embates e Kate e Bruna também possuíam uma relação mais agressiva que Sol e Jenifer. Mostrar afeto familiar entre mulheres negras também é importante e ajuda a extrapolar os estereótipos afinal também é direito das pessoas negras amarem, quando novelas oferecem cenas assim consegue humanizar famílias pretas, afinal não se deve mostrar apenas luta, sofrimento e injustiça.

Outro ponto importante dessa cena é a fala de Sol sobre a Jenifer mudar a realidade da família através dos estudos. Um exemplo atual de representação é potente, pois pode gerar o sentimento de identificação em muitos núcleos familiares brasileiros nos quais a esperança é depositada nos filhos, sobrinhos ou netos. Jenifer, bolsista pelo ProUni, protagonizará cenas na faculdade em que sua realidade social impacta diretamente os diálogos. Isso contribui para novas formas de representação da mulher negra, ao mostrar a personagem ocupando novos espaços e os desafios que enfrenta para se manter nesses ambientes.

FIGURA 20 - Jennifer chegando na faculdade no seu primeiro dia de aula, em “Vai na fé”, capítulo 1 (24'45").

FONTE: Reprodução/Globoplay

Nesta cena, Jenifer está chegando no seu primeiro dia de aula no ICAES, com a blusa que ganhou da sua mãe para dar sorte nesse momento especial. O conjunto de fotogramas é interessante pois mostra o primeiro contato de Jenifer com a faculdade e seus colegas de turma.

A personagem chega à faculdade animada, mas ao mesmo tempo apreensiva. Deslumbrada com a estrutura da instituição, ela se distrai e esbarra em Guiga, que a trata mal pelo pequeno acidente. Guiga é uma garota rica que, ao compartilhar sua vida na internet, acabou se tornando influenciadora. A Kate já havia comentado sobre a Guiga com Jenifer, avisando que a blogueira ia estudar na mesma instituição que a Jenifer. Entretanto o primeiro contato não foi muito amigável, mas mesmo assim Jenifer fotografa a Guiga e manda pra Kate avisando que acabou de esbarrar nela.

Essa cena transmite o sentimento que alguns bolsistas passam ao chegar na faculdade. O misto de sentimentos que a Jenifer está sentindo nesse momento. Além disso, também mostra como o começo pode não ser fácil para fazer amizades e se adaptar às pessoas

que possuem uma realidade tão distante da sua. A Guiga jamais trataria assim alguém que fosse conhecido ou de sobrenome importante, até porque se esse fosse o caso da Jenifer, a Guiga a reconheceria.

FIGURA 21 - Jenifer e Yuri discutindo com a professora Lumiar, em “Vai na fé”, capítulo 177 (01'10").

FONTE: Reprodução/Globoplay

No segundo dia de aula na disciplina Crime e Sociedade ministrada pela professora Lumiar, a advogada explicou o motivo de ter a área de Direito Penal e que as pessoas podem precisar de um advogado quando estiverem sendo vítimas de uma injustiça. A professora fala que as pessoas podem precisar de uma profissional como ela. Logo Jenifer fez o comentário de que nem todos podem pagar ela. Em seguida, o Yuri, também bolsista, faz outro comentário pertinente sobre as pessoas serem iguais perante a lei em teoria, diferente da prática. Para contextualizar e agregar a análise, ainda neste capítulo Yuri vai ser capturado pela polícia por sua aparência ser parecida com a descrição que uma mulher deu sobre um criminoso, vai ser o esforço da turma em conjunto com a Lumiar e o Benjamin que vai resultar na liberdade de Yuri.

Num primeiro momento essa cena mostra uma professora branca em uma faculdade elitizada explicando que todos são iguais perante a lei e que no caso de injustiça as pessoas podem precisar contratar ela para defendê-las. Os alunos bolsistas e pretos não conseguem ouvir a explicação da professora sem dar suas opiniões que são condizentes com a realidade deles. Assim que apresentam suas perspectivas sobre o assunto, a advogada sugere que eles sigam carreira na defensoria pública, lugar onde profissionais da área de Direito defendem pessoas que não têm condições de pagar um advogado particular.

A resposta dos dois é interessante para pensar nos rumos da representação negra nas novelas, pois a postura dos personagens não é de apenas aceitar o que a Lumiar diz, eles levantam questionamentos. Como já foi falado anteriormente a telenovela tem o poder de trazer para o debate público questões privadas. Quando os personagens falam da posição social e de como a lei no dia a dia não é igual para todos, essas indagações também chegam ao telespectador. As falas alcançam as pessoas pretas que sabem do que Yuri está falando e também chega às pessoas de classe social mais baixa que sabem que se sofrer injustiça não conseguem contratar uma Dra. Lumiar. O mais importante é que essa pauta chega àqueles que geralmente não percebem essa realidade, no caso, pessoas brancas de classe abastada.

Ao mencionar que Jenifer pode representar a possibilidade de mudança na representação das pessoas negras não somente pode ser levado em conta que ela não performa nos estereótipos analisados, mas também pode-se notar os lugares que personagem acessa, as falas que protagoniza na novela, o núcleo de amizades que desenvolve na faculdade, tudo isso agrega aspectos consideráveis de uma nova representação. É perceber que de forma natural e sutil Jenifer consegue levar ao telespectador problemáticas que a sociedade pode refletir. A próxima cena é mais um exemplo que pode elucidar a relevância da personagem para a discussão.

FIGURA 22 - Jenifer defendendo a necessidade de cotas nas instituições públicas de ensino, em “Vai na fé”, capítulo 87 (17'45").

FONTE: Reprodução/Globoplay

O conjunto de fotogramas mostra um debate sobre cotas nas instituições de ensino superior público, na aula de Crime e Sociedade da advogada Lumiar. O grupo da Jennifer composto por ela, Yuri e Isabela estavam a favor das cotas e o grupo de Guiga, Vicente e Alice estavam contra. Essa cena exemplifica o que foi dito anteriormente. Através de um momento em sala de aula, “Vai na fé” colocou três jovens negros para explicar sobre as cotas e como era um debate, o lado contra as cotas usava argumentos que serviam para o grupo da Jenifer trazer mais dados que mostrava a importância dessa política afirmativa.

A cena já começa com Jennifer trazendo informações históricas a respeito da privação que a população negra sofreu em relação aos estudos, a personagem logo relaciona com o cenário atual mostrando que a desigualdade de hoje é consequência de atitudes de muitos anos atrás. De forma didática e simples uma cena consegue entregar aos telespectadores informação. O debate fictício abre espaço nas casas e nas redes sociais para o debate público sobre um tema relevante para a sociedade.

Ao analisar somente a Jennifer é preciso destacar que essa cena já é do desenvolvimento da novela, o que evidencia que desde o início até o fim da novela Jenifer diferente das outras personagens não vai ter grandes alterações, porque essa personagem já tem como característica ser diferente, a mudança. Por mais que ela desenvolva outros

aspectos, sua personalidade e ambientação já é destoante dos estereótipos. A Jenifer aparenta ser a experimentação para trabalhar temáticas importantes dentro da novela.

FIGURA 23 - Jenifer e Hugo conversando sobre o hábito de ler, em “Vai na fé”, capítulo 175 (00'30").

FONTE: Reprodução/Globoplay

Na cena Jenifer e Hugo estão terminando de organizar os livros na sala da igreja que a personagem frequenta. Nesse momento da novela Jenifer namora Eduardo, amigo de infância que retornou da Guatemala onde fazia missão pela igreja. Entretanto, antes de se relacionar com Eduardo, Jenifer teve um namoro com Hugo, eles terminaram mas continuaram amigos.

Os dois estão sozinhos na sala, pois o Eduardo saiu e deixou os dois trancados por acidente. Hugo aproveita o momento para se aproximar de Jenifer e perguntar sobre a faculdade. Além de temas importantes, Jenifer também protagoniza cenas importantes no quesito afeto. A maneira que Hugo fala com Jenifer é diferente do modo que falava com Kate. A amiga da personagem era chamada de “Katilicia” por Hugo que ainda era criminoso, agora Jenifer ele chama carinhosamente de “preta” e também já é a versão “regenerada” do

personagem que está saindo da criminalidade e focando em ser artista. É perceptível até a mudança de assuntos como existe um interesse genuíno na vida da personagem.

Quando é para se relacionar com Jenifer seus pares a tratam desde o princípio com respeito e de forma romântica, existe uma conquista para estar ao lado de Jenifer. Nos relacionamentos da personagem os pares a admiram e são apaixonados por ela. Uma jovem negra sendo amada de todas as formas é algo essencial na representação, a Jenifer é amada tanto nas relações familiares quanto nas amorosas.

FIGURA 24 - Jenifer conversando sobre seus sentimentos com Kate, em “Vai na fé”, capítulo 176 (08'08").

FONTE: Reprodução/Globoplay

A cena é do capítulo seguinte ao momento que Jenifer teve a sós com Hugo, mesmo que não tenha traído seu namorado Eduardo, a personagem percebeu que ainda tem sentimentos pelo ex-namorado. Enquanto se arrumam para ir no evento de lançamento do clipe de Sol, Jenifer conversa com sua melhor amiga Kate contando como se sente e sua decisão após analisar melhor suas emoções.

No quarto de Jenifer, as duas amigas vivem um momento significativo na amizade que é dividir seus anseios e medos, a relação franca das duas sempre permitiu que elas conversassem sobre os mais variados assuntos. Ao perceber que estava confusa com seus sentimentos, Jenifer, em vez de escolher um dos rapazes, decidiu escolher a si mesma. O conjunto de fotogramas mostra mais uma vez o bom relacionamento que a Jenifer tem com as pessoas ao seu redor, uma rede de afeto, a amizade dela com a Kate é colocada à prova muitas vezes durante a trama mas nada abala a amizade das duas garotas pretas completamente diferentes mas ao mesmo tempo complementares uma para a outra.

O ponto crucial dessa cena é a inteligência emocional da Jenifer e sua maneira de decidir as coisas. O modo que Jenifer escolhe ficar com ela mesma, pois admite não ter certeza das coisas, é especial. Geralmente é colocado a mulher negra o lugar de reativa, intensa entre outros adjetivos que resumidamente procura taxar a mulher preta de emotiva ou raivosa. A Jenifer mostra que mulheres negras podem e têm inteligência emocional e entre um ou outro ela escolhe a si mesma. Ao mesmo tempo que esse diálogo humaniza a personagem é algo interessante para a representação, porque mostra o direito da mulher negra sentir suas emoções e respeitá-las.

FIGURA 25 - Jenifer no escritório do seu pai Benjamin, em “Vai na fé”, capítulo 177 (22'26").

FONTE: Reprodução/Globoplay

O conjunto de fotogramas foi retirado dos capítulos finais, onde Jenifer já sabe que seu pai biológico é Théo, mas isso não impede Benjamin de continuar exercendo o papel de pai. Para ele, independentemente do resultado do DNA, ele seria para sempre o pai dela. Na cena em questão Jenifer vai até o escritório de Benjamin depois de saber que o Théo sofreu uma tentativa de assinato, ela queria saber se seu pai adotivo sabia de alguma coisa a respeito.

A Jenifer chega no escritório e é atendida por uma colega da faculdade, a Bia, uma moça branca em posição de estagiária e Jenifer, uma jovem negra, no lugar de filha do dono. Ainda é algo raro uma cena dessas nas telenovelas. Em seguida Jenifer entra na sala do pai que já pergunta, surpreso pela presença dela, se não era para ela estar na faculdade.

O Benjamin possui um renomado escritório de advocacia, nessa cena é um homem negro em alta posição social recebendo sua filha no trabalho e cobrando se não deveria estar na faculdade. São pessoas pretas interpretando relações familiares em lugares que são raríssimos de ver nas novelas. Uma relação saudável e afetuosa em uma paternidade adotiva ambientada no escritório de sucesso do pai.

Diferente dos exemplos anteriores de pai bem sucedido como o Romildo Rosa em "A Favorita" que tinha prestígio social mas era corrupto, de modo geral o pai de Jenifer é correto durante toda a trama, é o "mocinho". A relação que Jenifer e Benjamin constroem ao longo da novela é agregadora para a representação de paternidade, ainda mais quando os personagens são negros, porque infelizmente o comum é ver somente as mães dos personagens pretos, que foram a vida toda as "guerreiras" para criar sozinhas seus filhos, como no caso da Bruna, mãe da Kate.

FIGURA 26 - Jenifer conversando com seu pai Benjamin, em “Vai na fé”, capítulo 179 (22'30").

FONTE: Reprodução/Globoplay

A cena foi retirada do capítulo final da novela, momento em que Benjamin chega ao escritório e vê Jenifer sentada na sua mesa. Ao ver Jennifer, Benjamin se recorda do seu pai que também era advogado e falava para Benjamin que ele e sua irmã eram o legado dele. Quando pensa tudo isso chega a conclusão que Jenifer é o seu legado. O personagem diz isso a sua filha, Jenifer, emocionada com as palavras do pai fala que vai seguir primeiro seus passos para depois começar sua própria trajetória.

É a cena final da novela e da análise por amarrar tudo o que já foi destacado anteriormente. Esse momento é potência para representação de pessoas negras, pois são pai e filha falando de continuação de legado, quantas pessoas pretas possuem diálogos assim com pais? Cenas como essa não apenas representam a população negra como também ampara e conforta, as famílias pretas podem sonhar e continuar legados, podem ser uma família de advogados e médicos também é direito da negritude prosperar e fazer planos. Ademais é direito ter tudo isso e ainda ter afeto. Quanto mais famílias pretas protagonizam afeto mais o telespectador negro consegue “se ver” e ainda que sua realidade não permita o sentimento de

identificação pelo menos pode enxergar e entender que é direito dele dar e receber afeto. Além disso, o telespectador branco também consegue aprender e entender que não é que o negro que problematiza tudo, é o negro que é tão humano quanto ele mas não possui os mesmos acessos e direitos que ele tem.

Por fim, a personagem Jenifer evidencia vários aspectos positivos e que podem ser explorados em próximas análises ou tramas, a personagem é inteligente, gentil, dedicada e principalmente amada. Tudo o que uma mulher negra é e deve estar presente nas personagens negras.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de conclusão de curso buscou analisar a presença dos estereótipos mulata e doméstica na telenovela “Vai na fé” por meio das quatro personagens: Sol, Jenifer, Bruna e Kate. A pesquisa catalogou cenas em que as personagens evidenciaram esses estereótipos, momentos que oscilaram entre essas categorias e também algumas cenas que mostraram uma possibilidade de mudança.

A primeira conclusão é de que as personagens não foram domésticas ou mulatas durante toda a trama. Através da análise foi possível compreender que as personagens em alguns momentos estavam dentro de um estereótipo, mas não se limitavam a ele. Não houve a personagem mulata ou a doméstica, todas tiveram desenvolvimento ao longo da trama e em pelo menos algum momento da telenovela puderam romper com esse tipo de representação. Solange, na juventude, performou no lugar de mulata, aos 40 anos protagonizou muitas cenas dentro do estereótipo de doméstica.

Entretanto esta personagem também mostrou sua luta para fazer justiça pelo abuso sexual que sofreu, se permitiu amar depois da perda do seu marido e iniciou sua carreira de cantora mesmo com todos os desafios que enfrentava na vida pessoal. Sol terminou a novela com uma carreira promissora e um casamento feliz com o seu primeiro amor. Apesar da constante luta, também coube a Solange momentos de realizações e afetos.

A Kate apesar de estar muito próxima do estereótipo de mulata, por vezes estar representando dentro dele, em seu desenvolvimento na trama foi perceptível a evolução da personagem que acaba a novela como empresária da sua tia Sol. A personagem teve cenas de grande relevância para a representação da mulher negra, pois Kate reagia diante de situações em que aspectos da negritude eram questionados, como na cena do cabelo. Além disso, Kate, personagem retinta, tinha outra qualidade: a sua confiança e autoestima, algo crucial para a representação negra.

A mãe da Kate, Bruna, mãe solo e parceira de Sol mesmo que suas cenas evidenciaram o estereótipo de doméstica na trama, ela consegue o que almeja desde o início da novela que é ter seu negócio legalizado, a personagem tem seu desfecho como dona de um restaurante em parceria com a Dona Marlene. Ter mulheres pretas realizando seus sonhos pessoais e profissionais também contribuem para uma evolução da representação da mulher negra.

A Jennifer desde o início da trama, marca esse processo de evolução pelas cenas que protagoniza, começa sendo a esperança da família e termina sendo reconhecida como legado

do seu pai Benjamin. A personagem Jenifer tem a maioria de suas cenas dentro da faculdade com diálogos pertinentes para a sociedade, junto de seus outros amigos também pretos. Embora Jennifer seja bolsista e enfrente desafios no ensino superior devido sua condição social já é uma evolução ter três jovens pretos universitários em evidência na novela.

Por fim, sobre as personagens, após análise das cenas, algo é evidente nas quatro mulheres: o afeto. A relação de amizade entre Sol e Bruna, Jenifer e Kate é algo bonito e significativo para a representação da mulher negra, evidenciar essa sororidade enriquece a imagem da negritude.

O estudo centrou-se em analisar os estereótipos dessas personagens, de modo que não houve espaço para explorar com maior profundidade a relação entre elas. Também não foram abordadas outras questões, como a trajetória de Sol até compreender que foi vítima de violência sexual, ou a análise de outros personagens, como Benjamin ou Hugo. A novela possui muitas possibilidades para futuras análises, visto que é uma produção recente e com elenco predominante negro. Ademais, é necessário mais investigações sobre telenovelas e representação negra visto que a Rede Globo está novamente, em 2024, com todas as novelas inéditas com protagonistas negras. No horário das 18h tem a Duda Santos interpretando a Beatriz em "A garota do momento", às 19h a Jessica Ellen dá vida a personagem Madalena (Madá) e às 21h a Gabz integra o time de protagonistas com a personagem Viola (Gshow, 2024).

Portanto, o trabalho contribui para a grande problemática que é a representação de pessoas negras na mídia. Afinal, a telenovela também é comunicação e de via dupla pois possui o constante diálogo entre emissor e receptor. Estudar esse produto e analisar as mudanças e permanências permite que as cobranças por representatividade continuem sendo feitas e também contribui ao comunicador o olhar crítico sobre seu trabalho e colaboração para mudar o cenário, é por meio do conhecimento que coisas podem ser descobertas, cobradas e reformuladas.

REFERÊNCIAS

A NEGAÇÃO do Brasil. Direção: Joel Zito Araújo. Produção: Joel Zito Araújo e Luiz Antonio Pilar. Intérpretes: João Acaiabe, Joel Zito Araújo, Ruth de Souza, Milton Gonçalves, Léa Garcia, Zezé Motta, Maria Ceiça, Nelson Gonçalves, Walter Avancin, Mauricio Goncalves, Herval Rossano, Cléa Simões.. Roteiro: Joel Zito Araújo. Brasil: Joel Zito Araújo, 2000. (1h32min), son. color. Disponível em: https://www.facebook.com/atoresnegrosoficial/videos/a-nega%C3%A7%C3%A3o-do-brasil-document%C3%A1rio-completo-2000/367689310418011/. Acesso em: 20 out. 2024.

ALMEIDA, RCBV de. De Iracema à Bebel: as representações do Paraíso Tropical. **Intercom: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**, 2014.

ANDRADE, Danúbia. Relações raciais na telenovela "Duas Caras": Evilásio e Júlia: um romance inter-racial. **RuMoRes**, v. 3, n. 6, 2009.

Audiência de "Vai na Fé" bomba em sua reta final; novela registra novo recorde semanal em São Paulo. Disponível em: <https://oplanetatv.clickgratis.com.br/noticias/audiencia-da-tv/audiencia-de-vai-na-fe-bomba-em-sua-reta-final-novela-registra-novo-recorde-semanal-em-sao-paulo.html#ixzz8FDMdbOTs>. Acesso em: 11 dez. 2023

BALBINO, Jéfferson. O Protagonismo da mulher negra na teledramaturgia brasileira uma análise da personagem Preta da telenovela Da Cor do Pecado. **Revista Interfaces**, v. 9, n. 2, p. 117-126, 2018.

BORELLI, Silvia Helena Simões. Telenovelas brasileiras: balanços e perspectivas. **São Paulo em perspectiva**, v. 15, p. 29-36, 2001.

Brait, Beth. A personagem. São Paulo: Ática, 1985.

CANDIDO, Antonio et al. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

Cara e Coragem | Novela das 7 | Gshow. Disponível em: <https://gshow.globo.com/novelas/cara-e-coragem/>. Acesso em: 21 jul. 2024.

CASSOL, Laura Dürks. Identidade e gênero: a representação lésbica na telenovela "Em Família". 2016.

COELI DE ARAUJO GUERRA, Regina. **O discurso sobre a Ciência nas telenovelas O Clone e Barriga de Aluguel**. 2004. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco.

CONCEIÇÃO, Juara Castro da. "Não dá pra fugir dessa coisa de pele": imagens e afetos de mulheres negras em telenovelas brasileiras. 2023.

Conheça o elenco e os personagens de Garota do Momento | gshow. Disponível em: <https://gshow.globo.com/novelas/garota-do-momento/personagem/>. Acesso em: 19 nov. 2024.

Conheça o elenco e os personagens de Mania de Você | gshow. Disponível em: <https://gshow.globo.com/novelas/mania-de-voce/personagem/>. Acesso em: 19 nov. 2024.

Conheça o elenco e os personagens de Volta por Cima | gshow. Disponível em: <https://gshow.globo.com/novelas/volta-por-cima/personagem/>. Acesso em: 19 nov. 2024.

Conheça o elenco e personagem da Terra e Paixão | gshow. Disponível em: <https://gshow.globo.com/novelas/terra-e-paixao/personagem/>. Acesso em: 22 jul. 2024.

COSTA, Tiago de Jesus Santos. AMOR A LA MEXICANA: a telenovela como ponte para o ingresso da música em espanhol no Brasil. 2023.

DA, C. N. N. Saiba o que significa a sigla LGBTQIA+ e a importância do termo na inclusão social. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/saiba-o-que-significa-a-sigla-lgbtqia-e-a-importancia-do-termo-na-inclusao-social/>. Acesso em: 29 nov. 2024.

Dados de audiência PNT TOP 10 com base no ranking consolidado – 31/07 a 06/08/2023. Disponível em: <https://kantaribopemedia.com/conteudo/dados-rankings/dados-de-audiencia-pnt-top-10-com-base-no-ranking-consolidado-31-07-a-06-08-2023>. Acesso em: 12 dez. 2023.

DE LIMA, Solange Martins Couceiro. A personagem negra na telenovela brasileira: alguns momentos. **Revista USP**, n. 48, p. 88-99, 2000.

DE LOPES, Maria Immacolata Vassallo. Telenovela brasileira: uma narrativa sobre a nação. **Comunicação & Educação**, n. 26, p. 17-34, 2003.

DE LOPES, Maria Immacolata Vassallo. Telenovela como recurso comunicativo. **MATRIZes**, v. 3, n. 1, p. 21-47, 2009.

DE OLIVEIRA, Priscila Souza. Cabelo Bom: Representações, Identidades e Pretagonismo no Cinema Infantojuvenil Brasileiro. 2021.

FAUSTINO, Deivison Mendes. A emoção é negra, a razão é helênica? Considerações fanonianas sobre a (des) universalização do "ser" negro. **Revista tecnologia e sociedade**, v. 9, n. 18, 2013.

FELTRIN, R. Ricardo Feltrin - Sol vira queridinha do país e "Vai na Fé" avança no ibope. Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/ooops/2023/03/23/sol-vira-queridinha-do-pais-e-vai-na-fe-avanca-no-ibope.htm>. Acesso em: 11 dez. 2023.

FISCHER, Sandra; DO NASCIMENTO, Geraldo Carlos. Vilões, heróis e lugares na telenovela brasileira contemporânea: A favorita e Insensato coração. **COMUNICACIÓN.**
FISCHER, SANDRA; VAZ, ALINE. Amores de mãe, amores demais, amores de mal: imagens da telenovela Amor de mãe. **Contracampo: Brazilian Journal of Communication**, v. 41, n. 3, 2022.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. Editora Ática, 2004.

GOMES, Ana Ângela Farias; RAMOS, Victor Adriano. Tem negras nessa novela? A representação da mulher negra em Lado a lado. **Revista TOMO**, v. 42, p. e18803-e18803, 2023,

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2020.

GRIJÓ, Wesley Pereira; SOUSA, Adam Henrique Freire. O negro na telenovela brasileira: a atualidade das representações. **Estudos em comunicação**, v. 11, n. 2012, p. 185-204, 2012.

GUIDORIZZI, G. (ED.). "Vai na Fé": fique por dentro da história, saiba quem é quem na nova novela das 7 e veja fotos! Disponível em: <https://www.purepeople.com.br/noticia/novela-vai-na-fe-conheca-a-sinopse-os-personagens-e-veja-fotos-da-historia-das-7_a370937/1>. Acesso em: 10 nov. 2023.

HALL, Stuart. Cultura e representação. **PUC-Rio: Apicuri**, v. 10, p. 24, 2016.

JAVORSKI, Elaine. Telenovela de época: retrato histórico dos portugueses no Brasil.

Joel Zito Araújo , « O negro na telenovela » , *Cinémas d'Amérique latine* [Online], 15 | 2007, Publicado em 26 de outubro de 2021 , consultado em 12 de agosto de 2024 . URL : http://journals.openedition.org/cinelatino/6409; DOI : https://doi.org/10.4000/cinelatino.6409

KEGLER, Luiza; DE ARAUJO, Denise Castilhos. A moda e a mídia: a função metalingüística das telenovelas e revista feminina de moda. **Centro Universitário Feevale**, 2008.

KUNZ, Marinês Andrea; MAGALHÃES, Magna Lima; DUARTE, Cláudia Santos. Ficção, história e representação: o negro na telenovela Lado a Lado. **Animus. Revista Interamericana de Comunicação Midiática**, v. 14, n. 28, 2015.

MARQUES, Darciele Paula; LISBÔA FILHO, Flavi Ferreira. 7. A telenovela brasileira: percursos e história de um subgênero ficcional. **Revista Brasileira de História da Mídia**, v. 1, n. 2, 2012.

MATTOS, Luane Pereira. A influência da telenovela no comportamento do telespectador: uma análise de O clone, América e Paraíso tropical. 2008.

MIYASHIRO, K. "Vai na Fé": As razões do sucesso da novela evangélica da globo.. **VEJA**, Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/tela-plana/vai-na-fe-as-razoes-do-sucesso-da-novela-evangelica-da-globo>, 24 maio 2023.

MOTTER, Maria Lourdes. A telenovela: documento histórico e lugar de memória. **Revista Usp**, n. 48, p. 74-87, 2000.

Na economia de atenção, as novelas ainda são relevantes? Disponível em: <https://www.parrotanalytics.com/insights/na-economia-de-atencao-as-novelas-ainda-sao-relevantes/>. Acesso em: 19 nov. 2024.

NARCISO, A. (ED.). **Vai Na Fé é a novela das 7 que o Brasil precisava**. Disponível em: <https://mixdeseries.com.br/vai-na-fe-e-a-novela-das-7-que-o-brasil-precisava/>. Acesso em: 11 dez. 2023.

NASCIMENTO, ECS do. Representações dos homens negros nas telenovelas brasileiras: uma análise entre raça, masculinidade e mídia. **13o Mundo de Mulheres & Fazendo o Gênero 11: Transformações, Conexões, Deslocalmentos**, p. 1-12, 2017.

NOVA. Amor Perfeito: nova novela das 6 conta a história de um menino que sonha em conhecer sua mãe. Disponível em: <https://gshow.globo.com/novelas/amor-perfeito/noticia/amor-perfeito-nova-novela-das-6-conta-a-historia-de-um-menino-que-sonha-em-conhecer-sua-mae.ghtml>. Acesso em: 22 jul. 2024.

O que é PcD? Entenda a sigla e quem tem direito a benefícios. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2024/09/10/o-que-e-pcd-entenda-a-sigla-e-quem-tem-direito-a-beneficios.htm>. Acesso em: 29 nov. 2024.

PALLOTTINI, Renata; GONZALEZ, Fidelina. Telenovela: os bons e os maus. **XXIII IN**, 2000.

PAVÃO, F. **Ator de Vai na Fé: '70% do elenco é preto e não é uma novela de escravos'**. Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/2023/01/18/samuel-de-assis-comemora-representatividade-em-vai-na-fe-globo.htm>Acesso em: 05 out. 2023.

PENAFRIA, Manuela. Análise de Filmes-conceitos e metodologia (s). In: **VI Congresso Sopcom**. Lisboa: Universidade Lusófona, 2009. p. 1-11.

PERSONAGENS. Personagens. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/novelas/a-proxima-vitima/noticia/personagens.ghtml>. Acesso em: 21 jul. 2024.

PEREIRA, J. Representação de Heroínas e Vilãs Negras nas Telenovelas Brasileiras. Disponível em: <https://sistemas.intercom.org.br/pdf/submissao/nacional/17/07212024123440669d2a9068631.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2024.

PERSONAGENS. Personagens. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/novelas/cheias-de-charme/noticia/galeria-de-personagens.ghtml>. Acesso em: 21 jul. 2024.

PERSONAGENS. Personagens. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/novelas/da-cor-do-pecado/noticia/personagem.ghtml>. Acesso em: 21 jul. 2024.

PERSONAGENS. Personagens. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/novelas/o-outro-lado-do-paraiso/noticia/galeria-de-personagens.ghtml>. Acesso em: 21 jul. 2024.

PERSONAGENS. Personagens. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/novelas/a-favorita/noticia/personagens.ghtml>. Acesso em: 19 nov. 2024.

PERSONAGENS. Personagens. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/novelas/cama-de-gato/noticia/personagens.ghtml>. Acesso em: 19 nov. 2024.

PERSONAGENS. Personagens. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/novelas/cobras-lagartos/noticia/personagens.ghtml>. Acesso em: 19 nov. 2024.

PERSONAGENS. Personagens. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/novelas/lado-a-lado/noticia/galeria-de-personagens.ghtml>. Acesso em: 21 jul. 2024.

PERSONAGENS. Personagens. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/novelas/o-clone/noticia/personagens.ghtml>. Acesso em: 21 jul. 2024.

PERSONAGENS. Personagens. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/novelas/pecado-capital-1a-versao/noticia/personagens.ghtml>. Acesso em: 21 jul. 2024.

PERSONAGENS. Personagens. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/novelas/viver-a-vida/noticia/personagens.ghtml>. Acesso em: 19 nov. 2024.

Revista Internacional de Comunicación Audiovisual, Publicidad y Estudios Culturales, v. 1, n. 10, p. 743-754, 2012.

ROZA, Sandra. Novas e antigas formas de representar a mulher negra nas telenovelas: uma análise da personagem Raquel, de O outro lado do paraíso. **Cadernos de Gênero e Tecnologia**, v. 12, n. 40, p. 189-198, 2019.

SANTOS, Matheus Effgen; ALVES, Gabriela Santos. O VALOR DA REPRESENTATIVIDADE DA MULHER NEGRA NA TELENOVELA. Anais do Seminário Comunicação e Territorialidades, v. 1, n. 7, 2021.

SANTOS, Matheus Effgen; ALVES, Gabriela Santos. TELENOVELA E REPRESENTAÇÃO: A CONSTRUÇÃO DE PERSONAGENS NEGRAS EM AMOR DE MÃE. **Anais do Seminário Comunicação e Territorialidades**, v. 1, n. 6, 2020.

SANTOS, Milton. Território e sociedade: entrevista com Milton Santos. 2000.

SOUZA, Gabrielle Lins Meireles de et al. O Surgimento da Rede Globo: acordos econômicos e alianças políticas entre 1962 e 1972. 2013

SOUZA, Lívia Jéssyca Rodrigues de. Representatividade negra nas telenovelas: uma análise da obra Lado a Lado. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

TAVARES, Frederico de Mello Brandão; SANTOS, Matheus Effgen. A mocinha desviante em Gloria Perez: um estudo sobre a construção de personagens em telenovelas brasileiras. 2020.

Vai na Fé: entenda a trama da nova novela das 7. Disponível em: <https://gshow.globo.com/novelas/vai-na-fe/noticia/vai-na-fe-entenda-a-trama-da-nova-novela-das-7.ghtml>. Acesso em: 20 jul. 2024.

VARGAS, Arlan Silva de. De vilão a mocinho: uma análise sobre a construção do personagem Félix, da telenovela “Amor à Vida”. 2015

XAVIER, George Vargas. Televisão e telenovela: um estudo de recepção de" Malhação".